# O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

## VERSÍCULO POR VERSÍCULO

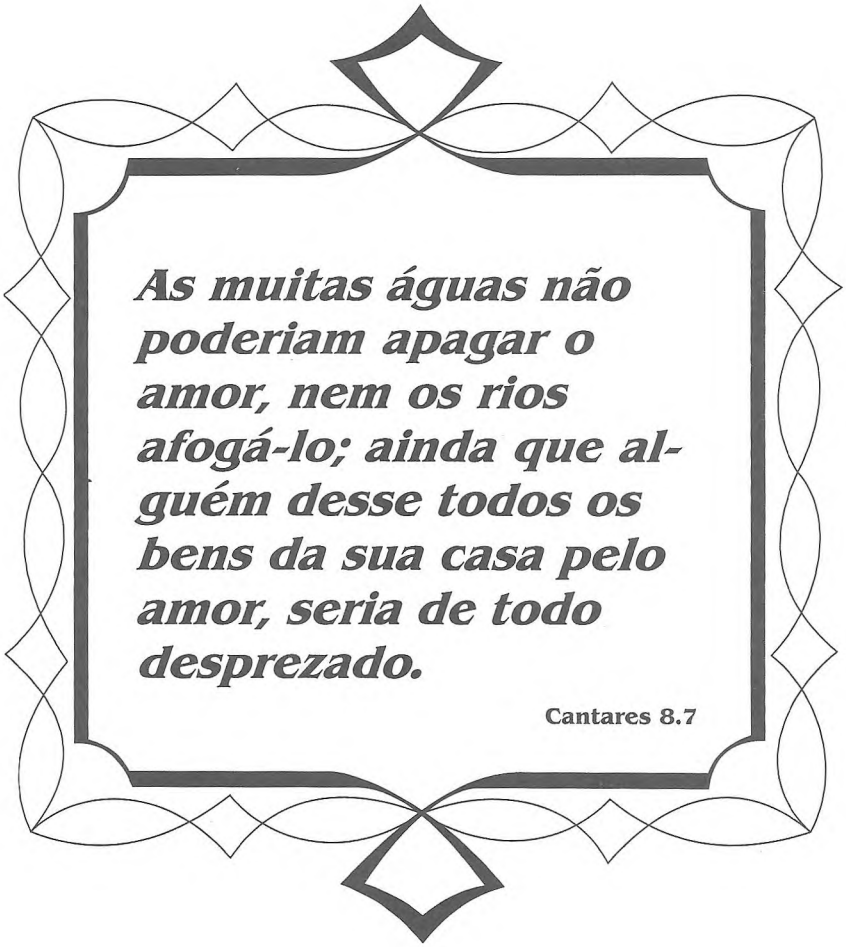
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

# CANTARES

HAGNOS

# CANTARES DE SALOMÃO

**O Livro que Celebra o Amor Romântico**


As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.
Cantares 8.7

# Cantares de Salomão

## 8 Capítulos
## 117 Versículos

## INTRODUÇÃO

No hebraico, *shir hashirim.* Na Septuaginta, *Ásma* ou *Ásma asmáton.* Na Vulgata Latina, *Canticum* Canticorum.

Dentro da Bíblia hebraica, este livro é o primeiro dos cinco rolos (no hebraico, *Megilloth),* que eram lidos quando das festas religiosas judaicas. Geralmente tem o nome de Cântico dos Cânticos nas diversas versões, mas a nossa versão portuguesa prefere «Cantares de Salomão». A forma hebraica, *shir hashirim,* é a forma superlativa (Can. 1.1), que significa «o mais excelente dos cânticos». Dentro das tradições judaicas, os Cantares eram lidos por ocasião da páscoa, para os judeus, a mais importante das festas religiosas.

**Esboço:**

I. Pano de Fundo
II. Autoria
III. Data
IV. Unidade do Livro
V. Lugar de Origem
VI. Destino
VII. Motivo de sua Escrita
VIII. Propósito do Livro
IX. Canonicidade
X. Estado Atual do Texto
XI. Conteúdo e Esboço
XII. Interpretação da sua Mensagem
XIII. Teologia do Livro
XIV. Bibliografia

### I. Pano de Fundo

Os que pensam que Cantares de Salomão é obra de autoria de Salomão, rei de Israel, vêem o princípio da monarquia israelita como o pano de fundo da obra. O tom pastoril de seu quadro poético sugere um longo período de paz em Israel, naquele período que os historiadores têm chamado de «época áurea» da cultura dos hebreus, as monarquias de Davi e Salomão.

Acresça-se a isso que o livro de Cantares contém numerosas referências a animais e plantas exóticas, tudo o que nos faz lembrar da fama de Salomão nos campos da biologia e da botânica. Isso nos leva de novo ao período inicial da monarquia hebréia. As diversas alusões geográficas existentes no livro parecem indicar uma fase da história dos hebreus em que o reino ainda não havia sido dividido em dois: o reino do norte, Israel, e o reino do sul, Judá. Assim, o livro fala sobre lugares nortistas como o Líbano (Can. 3.9; 4.8,11,15), o monte Hermom (4.8), Tirza (6.4), Damasco (7.4) e o Carmelo (7.5), como se formassem um único reino, juntamente com Jerusalém e as terras em redor. Todavia, isso poderia significar apenas que os arroubos poéticos do autor não eram considerações puramente locais, conforme alguns estudiosos têm salientado. Seja como for, o livro mostra claramente que o autor estava familiarizado com a geografia de toda a região da Síria-Palestina, desde as montanhas do Líbano até En-Gedi, perto do mar Morto (Can. 1.14). Mas, apesar de o livro mencionar produtos exóticos do Extremo Oriente, não há nenhuma indicação de que o material tenha sido escrito fora da Palestina, ou com um pano de fundo estritamente palestino.

### II. Autoria

Quase todos os eruditos modernos rejeitam a autoria de Cantares por parte de Salomão. Esses preferem ver no livro uma coletânea de cânticos que celebrariam o amor pré-marital e marital. Seja-nos permitido observar que dificilmente esse tema teria tornado o livro aceitável aos judeus, para ser incluído no cânon sagrado, pelo que se trata de uma opinião muito duvidosa. Além disso, dizem alguns que a única prova de que o livro teria sido escrito por Salomão é o título, ou introdução editorial, conforme alguns eruditos o têm descrito, porquanto a forma mais completa do pronome relativo só é usada em Can. 1.1: «Cântico dos cânticos de Salomão». Um ponto técnico gramatical é que no hebraico há nisso uma construção ambígua, pois a partícula atributiva poderia significar «para», «acerca» ou «segundo», ou então poderia aludir à autoria direta de Salomão. No entanto, o nome do famoso monarca hebreu, Salomão, aparece por seis vezes no texto do livro (Can. 1.5; 3.7,9,11 e 8.11,12). E o último trecho, Can. 8:11,12, refere-se de passagem às riquezas materiais desse rei. No terceiro capítulo, Salomão é mencionado em três ocasiões diversas, em conexão com um elaborado cortejo, onde devemos ver a personagem histórica chamada Salomão. As alusões ao «rei» também são, geralmente, associadas a Salomão (Can. 1.4,12 e 7.5). Todavia, embora o grande rei hebreu seja a figura central de certos poemas (entre os quais se destaca o de Can. 3.6-11), na verdade ele nunca aparece como aquele que fala, e por esse motivo, certos estudiosos pensam que pelo menos alguns dos poemas foram escritos sobre Salomão, e não diretamente por ele.

Os argumentos em favor de uma autoria que não a de Salomão, geralmente, também falam em uma data posterior para o livro, e isso sobre bases lingüísticas. Para exemplificar isso, há quarenta e nove vocábulos hebraicos que só ocorrem no livro de Cantares, em todo o Antigo Testamento; e alguns desses termos são de natureza botânica. Também há palavras e frases que parecem refletir o aramaico usado em certas composições pós-exílicas, sem falarmos em palavras que parecem ter sido tomadas por empréstimo do persa e do grego. Tudo isso pode ser naturalmente explicado pelo fato de que o vocabulário de um livro qualquer depende muito do assunto que estiver sendo tratado ali. Não admira, pois, que haja tantas palavras técnicas que se referem à zoologia e à botânica nesse livro, que não se acham em outros livros do Antigo Testamento. Quanto a outros vocábulos, também não é difícil justificá-los. Assim, no caso do nome da especiaria que era importada do Oriente, «cinamomo» (Can. 4.14), temos um termo importado. O comércio entre a Índia e a Mesopotâmia já estava bem firmado desde o terceiro milênio A.C., como também o comércio com o Egito. Isso quer dizer que, na época de Salomão, havia uma longa tradição de contatos comerciais com o Extremo Oriente. Por essa razão é que os nomes de certos produtos e substâncias, mencionados no livro, têm paralelos obviamente sânscritos. Poderíamos citar os casos do «nardo» (no sânscrito, *naladu* — Can. 1.12; 4.13,14) e a «púrpura» (no sânscrito, *regaman* — Can. 3.10 e 7.5). E alguns eruditos pensam que a palavra hebraica para «palanquim» (ver Can. 3.9) não veio através do grego, conforme muitos acreditam, mas derivou-se diretamente do termo sânscrito *paryanka.* Quanto à presença de alguns termos aramaicos no livro, isso nada significa, porquanto há vários outros livros do Antigo, e até do Novo Testamento, que contêm termos aramaicos, sem que isso altere em coisa alguma as questões da data ou da autoria desses livros. Ademais, o aramaico era língua gêmea do hebraico, mas que, desde o segundo milênio A.C., pelo menos, vinha sendo falada na Assíria e em outros lugares a leste da Palestina. Portanto, nada existe na linguagem em que foi escrito o livro de Cantares que requeira uma data posterior para a sua composição. Concluímos, pois, que devemos aceitar a autoria salomônica que, tradicionalmente, tem sido dada a esse livro.

### III. Data

Os críticos que atribuem um dos dois poemas do livro de Cantares a Salomão naturalmente datam-nos dentro de seu reinado, admitindo que o restante do livro foi coligido por ele (970-930 A.C.). E a menção a Tirza (Can. 6.4), como se fosse a contraparte nortista de Jerusalém, aponta para uma data comparativamente antiga da composição, ou, pelo menos, daquela porção do livro. Antes do governo de Onri (885/884-874/873 A.C.), Tirza fora a principal cidade do reino do norte; mas, quando Onri subiu ao trono de Israel, então, estabeleceu Samaria como a sua capital, tendo construído ali um esplêndido palácio real, além de numerosos outros edifícios e de ter fortalecido muito a cidade. Portanto, se Tirza aparece em Cantares como a principal cidade da porção norte do país, assim como Jerusalém era a principal cidade da porção sul, então a seção poética envolvida bem pode ser datada no século X A.C., a época de Salomão.

### IV. Unidade do Livro

Talvez o livro seja a coletânea de vários poemas que cantam o amor rústico, interiorano, de origem incerta. Nesse caso, Salomão teria sido o compilador e editor, que deu um burilado geral ao livro. Mas fê-lo de tal modo que o livro estampa sinais bem claros de unidade de estilo e de tema geral. Em face do que parece ser a unidade mais central da obra, a saber, o tema da riqueza do amor humano, parece que as tentativas de fragmentação do livro, que alguns críticos têm sugerido, são forçadas e artificiais. Portanto, devemos pensar que, da pena de Salomão, o livro de Cantares saiu como uma única obra literária.

### V. Lugar de Origem

Se o livro foi, realmente, composto por Salomão, então, o lugar de origem da obra deve ter sido a corte real, em Jerusalém. O trecho de I Reis 4.32 fala sobre as habilidades literárias de Salomão. Todavia, os críticos que não aceitam a autoria salomônica têm pensado que pelo menos alguns dos poemas constantes no livro de Cantares foram escritos no reino do norte, quando da monarquia dividida. Porém, todos os argumentos nesse sentido já foram respondidos.

No entanto, se estão certos os estudiosos que pensam que o livro de Cantares nada tem que ver com Salomão como seu autor, então, a passagem do livro que gira em torno de Can. 6.4 pode ter sido escrita em Samaria ou nas proximidades. É mister, contudo, deixar claro que toda a opinião acerca do lugar de origem do livro precisa alicerçar-se sobre pura especulação, posto que não há indicações no livro que nos permitam precisar o local exato, dentro da Palestina, onde a obra poderia ter sido preparada. Por exemplo, não há provincialismos perceptíveis.

### VI. Destino

A maneira como interpretamos o material do livro de Cantares também determina os possíveis destinatários da obra. Não parece que o autor sagrado tenha visado outra gente além dos próprios israelitas. Se os poemas foram compostos apenas para exaltar o amor humano, em suas várias facetas, então, não é provável que os destinatários tenham sido pessoas fora do povo em pacto com Deus, o povo de Israel. Um costume surgiu posteriormente entre os árabes, de recitar poemas eróticos, conhecidos entre os árabes por *wasfs,* diante de um noivo e sua noiva, pouco antes da cerimônia do casamento. Por essa razão, alguns eruditos têm pensado que o livro de Cantares serviria a um propósito similar, em Israel. Contudo, não podemos depender de um costume árabe para explicar a finalidade de uma composição escrita em Israel, cuja mentalidade sobre questões morais era tão diferente. Dificilmente um *wasf* seria aceito entre os livros canônicos de Israel.

### VII. Motivo de Sua Escrita

Não se sabe dizer o que teria motivado um autor sagrado a compor o livro de Cantares. Se o livro é apenas uma antologia de poemas líricos, que exaltam o amor físico, de proveniência salomônica em geral, então poderia ter sido motivado por um ou mais dos numerosos casamentos desse monarca hebreu. Mas, se o livro consiste em uma coletânea de cânticos nupciais de várias regiões do reino hebreu, então algum editor desconhecido apenas quis preservar para a posteridade esses poemas líricos. A própria subjetividade do processo de produção do livro, visto que no livro nada se lê que nos esclareça a respeito, inevitavelmente, faz com que a questão seja nebulosa para nós.

### VIII. Propósito do Livro

Muitos expositores têm sentido grandes dificuldades para justificar a inclusão do livro de Cantares de Salomão no cânon das Escrituras Sagradas. Parte dessa dificuldade se deve ao seu flagrante erotismo. Por outro lado, o livro é um longo *mashal ou* provérbio, ilustrando a riqueza e a beleza do amor físico humano; e, como tal, faz parte firme da tradição gnômica da literatura de sabedoria dos hebreus. Devemo-nos lembrar de que esse material originou-se no Oriente Próximo, onde imperavam diferentes atitudes quanto a certos pontos de moral. Deve-se observar que somente pessoas de classes abastadas poderiam dar-se ao luxo de empregar as substâncias exóticas e caríssimas, mencionadas nesses poemas. Tais pessoas, em contradição com as classes populares, estavam acostumadas a considerar o sexo em termos não tanto ascéticos, como uma questão não embaraçosa. Todavia, talvez essas pessoas e esses poemas se excedam um tanto, em relação com aquilo que nós estamos acostumados. Porém, o livro escolhe um curso que é um meio-termo entre a perversão, ou, pelo menos, o excesso sexual, por um lado, e a negação rígida e emocional das necessidades físicas, por outro lado, descendo até momentos da maior intimidade física entre um homem e uma mulher que se amam. No dizer de E. J. Young, talvez tudo isso reflita um amor mais puro que o nosso; ou, então, comentamos nós, uma atitude não tão vitoriana quanto a nossa.

### IX. Canonicidade

A julgar pelas fontes rabínicas, é claro que o livro de Cantares de Salomão não obteve inclusão imediata no cânon das Escrituras hebraicas. O Talmude chega a atribuir essa composição escrita a Ezequias e seu grupo de escribas, uma opinião que pode estar alicerçada sobre as atividades do grupo que, aparentemente, editou outros materiais escritos de Salomão (cf. *Baba Bathra* 15a e Pro. 25.1). A Mishnah (*Yadaim* 3.5) indica que o livro de Cantares não foi aceito no cânon senão com alguma disputa no tempo do suposto concílio de Jamnia (cerca de 95 D.C.). Após pareceres favoráveis e desfavoráveis quanto à inclusão do livro no cânon sagrado do Antigo Testamento, foi o rabino Aqiba quem comentou: «...todos os Escritos são santos, mas o Cântico dos Cânticos é o santo dos santos». Porém, bastaria isso para mostrar-nos que havia muitas dúvidas se o livro deveria ser incluído ou não no cânon. E toda a oposição à sua inclusão devia-se à natureza erótica do conteúdo da obra. De fato, quando da inclusão do livro no cânon, houve também a cautela de ser proibido o uso de qualquer de porção sua em banquetes e reuniões semelhantes, a fim de que não houvesse abusos que envolvessem um livro considerado canônico. A solução para esse aspecto erótico do livro consistiu em interpretá-lo não em sentido literal, mas como uma alegoria. Essa interpretação tem prevalecido tanto entre os judeus como no cristianismo em geral.

### X. Estado Atual do Texto

As obscuridades do livro de Cantares parecem mais devidas à presença de um número incomum de palavras raras, devido à natureza do assunto tratado, do que a algum manuseio por parte de escribas. Visto que a Septuaginta e o Siríaco Peshitta seguem bem de perto o texto massorético, essas versões não nos ajudam em coisa alguma a determinarmos melhor o sentido exato de certas palavras existentes no texto de Cantares. Além de consideráveis dificuldades de tradução em trechos como Cant. 6.12 e 7.9, também não se sabe o sentido de quatro palavras hebraicas diferentes, ali existentes, em Can. 1.17; 4.4; 5.14 e 7.6. E o complicado simbolismo empregado no livro aumenta mais ainda as dificuldades de tradução.

### XI. Conteúdo e Esboço

Não é fácil apresentar uma análise do livro de Cantares à maneira convencional, por causa do fato de que todos os diálogos são muito entretecidos e difíceis de deslindar. Há ali diálogos (por exemplo, Can. 1:9 ss.) e solilóquios (por exemplo, 2.8—3.5), e as palavras passam de uma personagem para outra com tanta freqüência que é impossível identificar precisamente essas personagens. As «filhas de Jerusalém» são mencionadas durante a exposição (Can. 1.5; 2.7; 3.5 etc.), e a elas são atribuídas certas respostas, no diálogo (por exemplo, Can. 1.8, 5.9; 6.1 etc.). Uma situação similar ocorre no caso dos habitantes de Sulém (Can. 8.5) e os de Jerusalém (Can. 3.6-11). Entretanto, em termos gerais, poderíamos esboçar o conteúdo do livro de Cantares como segue:

1. A noiva exprime seu anelo pelo noivo, e canta seus louvores (1.1—2.7).
2. Aprofundando-se a afeição mútua entre eles, a noiva continua a elogiar seu amado, usando símbolos da natureza (2.8 — 3.5).
3. Louvores ao rei Salomão, à noiva e aos desposórios (3.6—5.1).
4. O noivo ausenta-se por algum tempo, durante o qual a noiva anela pela volta do noivo e continua a elogiá-lo (5.2 — 6.9).
5. Uma série de passagens descritivas sobre a beleza física da noiva (6.10—8.4).
6. Conclusão, que aborda a permanência do verdadeiro amor (8.5-14).

### XII. Interpretação da Sua Mensagem

Nenhum livro do Antigo Testamento tem sido interpretado de tantas maneiras diferentes como o livro Cantares de Salomão. Isso se deve ao fato de que não há no livro nenhum tema especificamente religioso e central. Quatro abordagens principais devemos destacar aqui: a interpretação alegórica, a interpretação cúltica, a interpretação dramática e a interpretação lírica.

A *interpretação alegórica* foi adotada pelos rabinos e pelos pais da Igreja como a única maneira de resolver os problemas associados à aceitação do livro no cânon das Escrituras; essa é a interpretação até hoje favorecida pela Igreja Católica Romana e pelos comentadores judeus ortodoxos. Para estes últimos, Deus seria o grande amante dos poemas, e Israel seria a noiva, que receberia as demonstrações das misericórdias divinas. Às mãos dos cristãos, porém, houve alguma modificação, pois a noiva passou a ser a Igreja cristã. De fato, isso transparece em certos trechos do Novo Testamento, como, por exemplo, João 3.29, Efésios 5.22,23, Apocalipse 18.23 e 22.17. Foi Orígenes quem desenvolveu a interpretação alegórica clássica, sendo seguido por Jerônimo, Atanásio, Agostinho e muitos outros. No entanto, a maioria dos expositores cristãos tem evitado os problemas que surgem quando se expande o livro de Cantares em termos da história da Igreja cristã. Uma variante dessa interpretação, postulada por alguns escritores patrísticos, é a que diz que o livro reflete a relação entre Deus e a alma individual. Essa variante também foi iniciada por Orígenes, tendo sido adotada por alguns dos pais da Igreja e por certos escritores medievais. Ambrósio e alguns comentadores católicos romanos, mui caracteristicamente, têm identificado a noiva com a Virgem Maria, ao passo que Martinho Lutero opinava que a noiva nada mais seria do que o reino salomônico personificado. E alguns intérpretes identificam variegadamente a noiva, como se ela representasse, em um trecho ou em outro, Israel, a Igreja cristã, a Virgem Maria e o crente individual. Porém, a própria subjetividade da interpretação alegórica contribui para desacreditá-la. Apesar disso, a interpretação alegórica do livro de Cantares é a que tem predominado no pensamento protestante, pelo menos até recentemente.

A *interpretação cúltica* tem sido favorecida por alguns estudiosos à luz das liturgias do Oriente Próximo que comemoravam a morte e a ressurreição de alguma divindade. Segundo esse ponto de vista, o amante do livro de Cantares seria um deus que morrera e ressuscitara, ao passo que sua noiva seria sua irmã ou sua mãe, que se lamentava por sua morte e saíra freneticamente atrás de seus restos mortais. Algo similar teria acontecido a Baal e Anate, dos cananeus, a Tamuz e a Israel, dos babilônios, e a Osíris e Ísis, dos egípcios. E os idealizadores dessa idéia dizem que o que servia para comprovar isso era que o livro era usado por ocasião de uma festividade religiosa dos judeus. Mas, além de quatro outras composições canônicas serem usualmente empregadas em festividades religiosas dos judeus, não há nenhum indício de que Israel jamais tivesse qualquer cerimônia que se assemelhasse a isso.

A *abordagem dramática* de Cantares de Salomão surgiu quando começou a declinar o interesse pela interpretação alegórica, no começo do século XIX. Todavia, também podemos atribuir a Orígenes a idéia inicial, que foi reiterada nos escritos de Milton. A partir de 1800 desenvolveram-se duas formas dessa interpretação. A primeira delas, exposta por F. Delitzsch, que pensava que o livro cantava duas personagens principais, Salomão e uma donzela interiorana descrita como a sulamita (Can. 6.13). O livro contaria como Salomão a encontrou em suas rústicas cercanias e a trouxe para Jerusalém, onde, desposando-se com ela, aprendeu a amá-la com mais do que um puro amor carnal. A outra forma dessa interpretação dramática foi proposta por Ewald, que, além de Salomão e da jovem sulamita, introduziu na narrativa uma suposta terceira personagem, um pastor que seria o amante da jovem. E ela, levada para a capital pelo rei, lembrava-se apaixonadamente do rapaz, elogiando as suas qualidades, até que Salomão permitiu a volta dela para o rapaz. Essa teoria, conhecida como «a hipótese do pastor», tornou-se, geralmente, aceita entre os estudiosos liberais. A principal dificuldade da posição de Ewald, contudo, é que não há nenhuma evidência textual em favor da existência de um suposto pastor, que seria uma das personagens centrais do livro. Além disso, ele supõe que tenha havido grande resistência da parte da jovem à conquista amorosa, ao passo que a narrativa bíblica mostra, precisamente, o contrário. Acresça-se a isso que Ewald dá a impressão de que o rei que queria seduzi-la à força, transformando Salomão em um vilão, e não no herói da história. Por esses e outros motivos, tal interpretação está inteiramente desacreditada.

A *quarta* interpretação principal do livro de Cantares é a da *abordagem lírica*. Esta pensa somente que o livro consiste em uma coletânea de poemas líricos, sem nenhuma conexão com a festa de casamento ou ocasiões festivas especiais. Se essa interpretação tão simples tem alguma vantagem a seu favor, essa vantagem é somente que evita as dificuldades inerentes às três outras principais interpretações.

Também poderíamos falar sobre a interpretação chamada *típica*, favorecida por certos eruditos conservadores. Ela tem a vantagem de preservar o sentido óbvio dos poemas, ao mesmo tempo em que percebe um sentido espiritual e, portanto, mais elevado do que uma mensagem puramente sensual ou erótica. De conformidade com essa interpretação, o livro de Cantares refletia o puro amor espiritual que se verifica entre Cristo e os seus seguidores. Também haveria idéias paralelas na Bíblia, conforme se vê em trechos como Oséias 1—3; Ezequiel 16.6 ss. e Efésios 5.22 ss. E o uso que Cristo fez da narrativa sobre Jonas (Mat. 12.40), bem como a alusão à serpente de metal, levantada no deserto (João 3.14), são aduzidas como compatíveis com esse método geral de interpretação.

O conteúdo do livro de Cantares revela uma atitude para com a natureza que raramente se encontra em outros trechos do Antigo Testamento. Os hebreus, geralmente, concebiam a natureza como algo que revelava o esplendor e a majestade de Deus, pois ele controlaria totalmente essas forças naturais, segundo o seu querer. Mas, no livro de Cantares, os ciclos da natureza correspondem aos sentimentos dos amantes. Talvez isso se deva ao fato de que esse livro tenha incluído noções poéticas puramente folclóricas. O fato é que o amado chega ao campo no instante em que os poderes vitais da terra estavam novamente se manifestando (Can. 2.8-17; 7.11-13). Se esses poemas realmente tinham alguma conexão com cerimônias nupciais, então a habilidade das personagens das festas poderia ser comparada à capacidade profissional das lamentadoras, que, em Jer. 9.17, são descritas como «mulheres hábeis». E visto que o livro de Cantares esteve associado à autoria salomônica desde o começo, a relação entre essa composição e a epítome de sabedoria de Israel parecia confirmar sua posição entre as obras de literatura de sabedoria de Israel. Todavia, quando a autoria salomônica foi posta em dúvida, então essa coleção de poemas foi relegada a outros gêneros literários.

Visto que o material de Cantares é essencialmente poético, por isso mesmo há nele características próprias de outras composições poéticas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sobre *Poesia dos Hebreus*. Essas características incluem itens como sinônimos, paralelismos, sintéticos e antitéticos, e acentos rítmicos que salientam pontos importantes.

### XIII. Teologia do Livro

O livro de Cantares ocupa uma posição *sui generis* no cânon do Antigo Testamento, devido ao fato de não conter nenhuma teologia explícita. Os estudiosos que crêem que temos ali somente uma coleção de cânticos líricos ou folclóricos vêem nisso uma confirmação para a sua opinião. Portanto, somente através de interferências podemos determinar a posição teológica do livro; e, quando é encarado por esse ângulo, o livro de Cantares ajusta-se às mil maravilhas à tradição hebréia do monoteísmo. Porquanto não há ali nenhum traço das influências mágicas ou das crenças politeístas que se acham, por exemplo, em cânticos de amor similares, provenientes do Egito. O amado só suspirava pela sua amada, exaltando assim o ideal da monogamia. Incidentalmente, isso parece contradizer a autoria salomônica, visto que o terceiro rei de Israel foi homem com muitíssimas mulheres e concubinas. Ver I Reis 11.3-8. Embora as imagens poéticas sejam quase totalmente estranhas para o gosto moderno, a composição nunca se torna obscena, mesmo de acordo com os padrões da civilização ocidental. De fato, o livro reflete os cânones tradicionais da moralidade sexual que fazem parte da legislação mosaica, e jamais tolera qualquer coisa que poderia ser descrita como baixa ou imoral. O livro também reflete as tradições expressas em Gênesis 2.24, que mantêm que, no casamento, institui-se uma unidade psicofísica entre o marido e sua mulher. E toda a discussão sobre as emoções dos dois amantes é mantida em um elevado nível de sensibilidade e moralidade. Portanto, a pureza e a beleza do amor humano físico, como um Dom divino, é o amor dominante do livro. O relacionamento natural entre um homem e sua esposa, que se amam, aponta no livro para a riqueza do amor humano, um pequeno exemplo do muito mais amplo, profundo e puro amor de Deus que lhe pertencem.

### XIV. Bibliografia.

AM E I IB IOT ND WES YO Z

### Ao Leitor

O estudante sério do livro de Cantares de Salomão preparar-se-á para o seu estudo lendo, em primeiro lugar, a *Introdução,* onde abordo questões como pano de fundo; autoria; informes; unidade do livro; lugar de origem; destinatários; motivos de sua escrita; propósito do livro; canonicidade; estado atual do texto; conteúdo e esboço; interpretação da mensagem; teologia.

*Sumário dos Itens de Interesse:*

1. O livro de Cantares contém cerca de 25 poemas líricos (em alguns casos, fragmentos apenas), tratando dos temas do namoro e do casamento, e talvez considerados apropriados para serem recitados nos casamentos (Jer. 33.11).

2. A poesia não é melindrosa ou vitoriana, e é tão abertamente sensual que foi "suavizada" em algumas traduções modernas. Os hebreus não eram um povo melindroso, mas amantes da música, da dança, do vinho e do sexo. A atitude sexual dos hebreus, entretanto, não era promíscua, já que buscavam o *ideal:* um homem = uma mulher. O tratamento, contudo, era bastante sensual.

3. Em certos lugares, os poemas são altamente eróticos, sensuais, mas ainda assim graciosos. Há poucas alusões aos mitos antigos de deuses e deusas dos quais parecia depender a fertilidade da natureza. Contudo, essas alusões não nos envolvem em problemas teológicos como o politeísmo ou o monoteísmo. Não temos aqui, portanto, um livro teológico.

4. O livro mostra-se compacto, passando de um poema para o próximo, em uma espécie de continuação de temas, em vez de compor uma rígida estrutura literária.

5. O livro de Cantares não tem franco conteúdo religioso. Tal conteúdo é insuflado mediante interpretações simbólicas, alegóricas e místicas por parte de autores judeus posteriores e cristãos. Precisamos assumir simbolismos místicos para que este livro se torne uma obra de caráter religioso, mas há dúvidas de que essa tenha sido a intenção do autor original.

6. A inclusão do livro no cânon veterotestamentário deveu-se aos rabinos, os quais devem ter pensado que o livro deveria ser encarado tal como o livro de Oséias, uma espécie de parábola na qual o Senhor aparece como o Esposo, e Israel como a Esposa. Os autores cristãos seguiram essa orientação, vendo Cristo como o Marido, e a igreja como a Mulher. Ver Osé. 2.16-19 quanto à primeira idéia, e Apo. 21.2,9 quanto à segunda.

7. A forma presente do livro de Cantares data de cerca do século III A. C., embora contenha materiais muito mais antigos. O livro é atribuído a Salomão, provavelmente por convenção literária. Abordo essa questão na *Introdução,* seção II.

8. Uma grande variedade de interpretações tem sido dada ao livro, pelo modo alegórico de interpretação, e examino essa questão na seção XII da *Introdução.*

O conteúdo altamente erótico do livro tem dado certo alívio aos meninos e rapazinhos das escolas dominicais, os quais, enfadados com as lições recebidas, podem voltar-se para o livro de Cantares com excitação. E não poucos desses adolescentes também reavivam os tempos de sermão na igreja, com a mesma duvidosa atividade!

## *EXPOSIÇÃO*

# Capítulo Um

### A Noiva Exprime Seu Anelo pelo Noivo e Canta Louvores a Ele (1.1 - 2.7)

O esboço do livro dá uma caracterização geral. Há vários oradores: a *mulher* (a noiva potencial, e, mais tarde, a noiva); o *homem* (o noivo potencial, e então o noivo); e os *amigos*. A identidade dos locutores se faz possível pelo gênero dos pronomes hebraicos empregados: *macho, fêmea* (amante, homem, amado, fêmea). Outra palavra é *amigos*. Em alguns casos, é impossível determinar o que está em pauta, e então temos de recorrer a adivinhações. Ver o gráfico a seguir a respeito dos oradores em Cantares.

### A Mulher Fala (1.2-4)

#### 1.1

**Cântico dos cânticos de Salomão.** *Título.* "*Cântico dos cânticos* é um superlativo, como "Santo dos Santos".

**De Salomão.** "Ou seja, ou acerca de Salomão, porquanto ele é nomeado em Can. 3.9,11 como o rei que se casaria, ou por Salomão, o alegado autor, que provavelmente é uma adição posterior, baseada em I Reis 4.32" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). Talvez pudéssemos traduzir a frase por "o maior cântico de Salomão". Trata-se de um cântico de amor, romântico, sensual e francamente erótico, o tipo de cântico que seria entoado em um casamento. Quanto a detalhes, ver a *Introdução* ao livro e também as notas adicionais sob o título anterior: *Ao Leitor.* Quanto a uma discussão sobre a *autoria,* ver na *Introdução* a segunda seção. A melhor das canções não deve ser entendida como a melhor das canções da Bíblia (melhor que os cânticos de Moisés, de Débora etc.), mas o melhor dos cânticos de Salomão ou, então, simplesmente, "o melhor de todos os cânticos", particularmente o melhor dos cânticos de amor.

### O Namoro (1.2 - 3.5)

### O Tema da Saudade (1.2-4)

#### 1.2

**Beija-me com os beijos de tua boca.** Esta seção é farta de expressões de desejo sexual, embora a restrição seja exercida pelos amantes. Após a cerimônia do casamento (Can. 3.6-11), podemos perceber notável ausência de restrição sexual. Assim, esta primeira seção fala de namoro romântico sem o cumprimento sexual, o que é assim apresentado como o ideal a ser seguido pelos amantes solteiros.

O namoro, apesar de não incluir sexo franco, é cheio de beijos na boca, o que, enfrentemos a questão, é um ato sexual. Mas isso era permitido pelo ideal dos hebreus, além de ser universalmente praticado. Alguns crentes acreditam que os beijos na boca deveriam ser evitados com total abstinência, devido à estimulação sexual que provocam. Conheci uma jovem dama (que queria comportar-se melhor do que uma freira) que permitia receber beijos somente na mão ou na testa, com um lenço por cima da testa! Em outras palavras, o homem tinha permissão de beijá-la na testa, mas somente com a proteção de um lenço. O par casou-se, teve cinco filhos, mas a jovem nunca foi muito boa esposa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Beijo.*

**Melhor é o teu amor do que o vinho.** Os hebreus eram um povo do vinho, das danças e das festividades, o que dificilmente combina com o ideal evangélico, embora coisas estranhas estejam acontecendo ultimamente nas igrejas evangélicas. O vinho deixa uma pessoa embriagada, pelo que ela perde o bom equilíbrio. Um homem bêbedo fica um pouco doido, e outro tanto acontece aos casais que se entregam aos beijos – ficam mentalmente intoxicados, literalmente drogados e, pelo menos, meio loucos. A ciência tem demonstrado que as pessoas que se entregam aos beijos ficam, literalmente, drogadas, mas as drogas são *anfetaminas* naturais. O truque da natureza é que essas substâncias são produzidas em abundância por cerca de apenas três anos, usualmente tempo suficiente para uma mulher ficar grávida. Então diminui o suprimento de drogas naturais e, junto com essa diminuição, o grande impulso para o amor romântico, pelo menos no caso daquela mulher particular. Os homens usualmente apelam para outras mulheres, para se drogarem novamente. Alguns pensam que nisso consiste o amor e, quando os desejos selvagens passam, acreditam que deixaram de estar apaixonados. A maior parte desse jogo consiste no sexo, antecipado ou real; mas o amor já é outra entidade.

> *Deixa um beijo no cálice para mim,*
> *E não solicitarei vinho.*
>
> (Ben Johnson)

*Além disso, há aquela história moderna,* celebrada em um cântico de amor, do amante que foi visitar sua namorada. Ele teve de passar por uma grande tempestade de neve para chegar à casa dela. Tendo enfrentado a tempestade, foi saudado calorosamente pela namorada. Ela se mostrou muito carinhosa e lhe deu um beijo. Na ocasião, a lareira estava acesa e mantinha a casa quentinha. Assim, a caminho de volta para sua casa, atravessando de novo a tempestade de neve, ele disse: "O tempo fora da casa está terrível, mas o fogo que há dentro de mim é delicioso! Que assim continue enquanto me amares: Que neve! Que neve! Que neve!". Na verdade, há vários tipos de calor, como também vários tipos de frio.

#### 1.3

**Suave é o aroma dos teus ungüentos.** A cena de amor se completava com óleos e ungüentos perfumados e com aromas que, para algumas pessoas, são significativos despertadores do desejo sexual. Pelo menos, esses perfumes ajudam a produzir uma atmosfera agradável. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Azeite; Unção* e *Perfume.* Nos tempos bíblicos, tanto os homens quanto as mulheres usavam perfumes. Eram substâncias com aromas agradáveis, feitos de especiarias, como o cinamomo e as pétalas esmagadas, misturadas a uma base de óleo e guardadas em receptáculos enfeitados. O homem que era o alvo das atenções atraía muito as mulheres, pelo que as virgens também lhe cantavam louvores. Elas eram as companheiras da futura noiva e estavam torcendo para que o casamento se concretizasse, desejando coisas boas para a sua amiga. Se Salomão estava em pauta, então algumas dessas outras mulheres, companheiras da noiva, haveriam de tornar-se outras esposas ou concubinas. O livro de Cantares apresenta um ponto de vista monógamo, mas todos sabemos o que sucedeu posteriormente na sociedade judaica, não meramente no caso de Salomão.

**Nome.** As qualidades do noivo potencial e seus óleos fragrantes e perfume davam a ele um bom nome na presença das virgens. Este versículo, nos escritos dos rabinos, fala sobre o nome de Deus, ou então, segundo a interpretação cristã, sobre o nome de Cristo. Foi esse tipo de interpretação que deu entrada a Cantares no cânon do Antigo Testamento, embora não haja conotações religiosas reais no livro. Mediante *aplicação,* podemos inserir essas conotações religiosas no texto, mas por uma *interpretação estrita* tal aplicação não é permitida.

**As donzelas.** "No hebraico, *alamoth,* jovens donzelas. Ver Can. 6.8. Aqueles que entendem que Salomão era o objeto dos desejos, expressos no presente contexto, entendem por *alamoth* as jovens do harém" (Ellicott, *in loc.*). As interpretação cristã, entretanto, faz com que a jovem seja a igreja e talvez, mediante um esforço da imaginação, possamos ver os membros femininos desse organismo eclesiástico. A tais interpretações, entretanto, só podemos chegar mediante aplicações e, assim sendo, não continuarei a salientar a questão no texto. Estamos tratando com um *cântico de amor,* não com um hino eclesiástico. Fazer as amigas da noiva potencial (a igreja) ser Israel é apenas ridículo demais para mencionar.

#### 1.4

**Leva-me após ti, apressemo-nos.** As donzelas, atraídas pelo gracioso noivo potencial, seguiam-no sempre que tinham oportunidade. Iriam às câmaras dele, o que sugere o leito nupcial do noivo potencial. A noiva teria suas companheiras, mas no momento crítico elas desapareceriam de cena. Essas amigas da noiva são, noutro lugar, chamadas de *filhas de Jerusalém* (Can. 1.5; 2.6; 3.10; 5.8,16) ou *filhas de Sião* (3.11). Devemos imaginar a jovem noiva e suas companheiras como um *coro* que entoa louvores ao noivo potencial.

**O rei.** Uma referência a Salomão. Foi ele quem chamou a noiva e a introduziu na sua casa, um lugar de muitas e belas câmaras, bem como da *câmara,* a suíte dos noivos.

A suíte dos noivos seria um lugar pleno de vinho e amor sensual, e nenhuma mulher jamais esqueceria sua visita àquele lugar. Ela *amaria certamente o rei,* e outro tanto pode ser dito sobre as demais donzelas. O senso moral aqui não é o detalhe que se destaca. Antes, o que mais se destaca aqui são as excelências do amor do homem. Por causa disso, ele era amado "com razão" (nossa versão portuguesa e a Revised Standard Version).

### A Mulher Fala de Suas Companheiras (1.5-6)

#### 1.5

**Eu estou morena, porém, formosa.** A jovem especial tinha a tez morena, por genética, ou então amorenada, por causa dos raios do sol; mas, embora tivesse a pele morena, ainda assim era muito bonita. Cf. Teócrito, em *Idílios* X.26-29, onde Bambice é chamada de bonita, embora requeimada do sol. Este versículo não reflete nenhum preconceito racial em favor da pele branca, conforme temos na famosa afirmação de Joseph Smith sobre as mulheres: "Branca e deleitosa".

## CANTARES DE SALOMÃO — OS ORADORES

| OS ORADORES | TEXTOS |
|---|---|
| A amada | 1.2-4; 1.4-7; 1.12-14; 1.16 - 2.1; 2.3-13; 2. 2.15 - 3.11; 4.16; 5.2-8; 5.10-16; 6.2,3; 6.11-12; 7.9 - 8.4; 8.5-7; 8.10-12; 8.14 |
| Amigos do amado | 1.4; 1.8; 1.11; 5.9; 6.1; 6.10; 6.13; 8.5 |
| O amante | 1.9-10; 1.15; 2.2; 2.14; 4.1-15; 5.1; 6.4-9; 6.13 - 7.9; 8.13 |
| Deus | 5.1 |
| Os irmãos amados | 8.8-9 |

Beija-me ele com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho.

1.2

Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales.

2.1

Como és formosa, querida minha, como és formosa!

4.1

Vem depressa, amado meu, faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela que saltam sobre os montes aromáticos.

8.14

As mulheres hebréias normalmente tinham cabelos negros e pele mais trigueira do que a maioria dos judeus modernos, que foram esbranquiçados pela mistura com europeus (enquanto os árabes permaneceram geneticamente uma raça mais pura e, assim, usualmente, mais morenos que os judeus). A jovem, sem dúvida, trabalhava nos campos e vivia queimada de sol. Talvez tivesse a tez mais morena do que as mulheres habitantes das cidades, que eram conservadas nas casas, em relativa reclusão. Essas mulheres citadinas, como é natural, tinham pele mais clara. Talvez a *jovem* não pensasse que sua pela morena fosse tão bela quanto a das mulheres das cidades, mas a verdade é que ela era uma mulher muito bonita. Além disso, o noivo potencial não notava a coloração morena da pele dela. Visto que tão grande era sua beleza, quem prestaria atenção à sua pele? A jovem se comparou com as tendas de Quedar, feitas de peles de animais, também de um tom *trigueiro*. Havia uma tribo de beduínos que vivia no norte da Arábia, cujas tendas eram feitas de pêlos de cabra trançados, os quais eram negros. A nossa jovem era morena, mas não tão morena quanto os pêlos de cabra! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quedar*.

Então a jovem comparou-se com as cortinas do palácio de Salomão, com os tapetes coloridos com muitas cores, mas que certamente não eram brancos, e assim se orgulhava do colorido de sua pele. Ademais, esses tapetes eram belas obras de arte, e ela era, acima de tudo, uma obra de arte moldada pela natureza. Contrastar isso com a jovem comparada à lua e ao sol (Can. 6.10), bem como ao marfim, a saber, *branco*.

**Ó filhas de Jerusalém.** Quanto aos vários títulos dados às donzelas, ver as notas sobre Can. 1.4.

**1.6**

**Não olheis para o eu estar morena.** Agora a jovem diz por que ela estava morena ou queimada de sol. Seus irmãos a tinham forçado a trabalhar no campo como guardadora das vinhas, pelo que ela apanhava sol todos os dias. E eram as vinhas *deles* que a jovem tinha de guardar, e não as próprias vinhas dela! Ela fora reduzida a uma escrava virtual, e sua tez escura lembrava sua condição humilde. Assim, a donzela exortou suas companheiras a negligenciar seu rosto escurecido, o que, para ela, era uma feiúra, não um ponto de atração. Mas a beleza da jovem era evidente, a despeito da condição amorenada de sua pele. Este versículo nos fornece um ambiente semelhante ao da história de *Cinderela*. Ela era a moça pobre dos campos, aquela de rosto queimado de sol, que o rei havia escolhido como noiva! Talvez a vinha da jovem fosse *ela mesma*. Ela estivera tão ocupada, cuidando da vinha de seus irmãos, que não tivera tempo de cuidar de si mesma, como uma mulher normal teria feito. Ela se sentia tão infeliz com o tratamento que estava recebendo de seus irmãos que os chamou de *filhos de sua mãe*, uma referência indireta. Eles tinham agido não como irmãos verdadeiros, mas como os proprietários de uma escrava.

**1.7**

**Dize-me, ó amado de minha alma.** A jovem falou do profundo de sua alma, de seu ser interior, de todo o seu coração, onde seu amado cuidava de seu rabanho, a fim de que ela fosse com pressa ao lugar onde ele estivesse, sem ficar vagueando pelas propriedades de outro homens, procurando em vão seu amado. Visto que ela se sentia segura, iria apressadamente para o lado dele, mas para tanto precisava de orientação. O amado é apresentado como um pastor. Até os reis tinham seus rebanhos particulares, embora essa expressão seja apenas poética. Ela precisava chegar onde ele estava ainda naquele mesmo dia, pois, do contrário, ficaria *velada*, ou seja, cairia em lamentação (ver II Sam. 15.30; 19.4). Somente as prostitutas andavam ao redor sem véu, mas não há aqui nenhuma sugestão que ela estivesse evitando ser identificada com essa classe, usando sempre o véu. Seja como for, mulheres que não usassem o véu eram tidas como prostitutas, as quais não usavam o véu exatamente como sinal de sua profissão. Ver Gên. 38.14,15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Véu*.

**Minha alma.** Podemos ter aqui um simples semitismo para "eu".

"A deusa da fertilidade é regularmente apresentada como uma mulher velada" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Mas não há aqui alusão ao culto de qualquer religião de fertilidade, ou ao fato de que a mulher quisesse fazer parte dessa religião.

**Falam as Mulheres (Filhas de Jerusalém)** (1.8)

**1.8**

**Se tu não o sabes, ó mais formosa entre as mulheres.** Essas mulheres formavam um coro, e o poema é apresentado como se fosse cantado. Dirigiram-se a ela como a mais formosa entre as mulheres; e assim, se as *mulheres* podiam ver isso, então é que essa apreciação era veraz. Ela poderia encontrar o seu homem seguindo as pisadas do rebanho dele, que a levariam ao rebanho dele, ou seja, à propriedade do amado. Que ela conduzisse até ali suas cabras e as pusesse a pastar nas proximidades. Então a jovem estaria posicionada para ver seu amado e fazer contato pessoal com ele.

**O Homem Fala** (1.9-11)

**1.9**

**Às éguas dos carros de Faraó te comparo.** Um homem que procurasse por uma esposa esforçar-se-ia por comparar as mulheres e escolher entre elas! Algumas vezes, porém, é a mulher que faz a comparação e a escolha! Mas a jovem aqui, embora incomumente *bela* (o que é a glória das mulheres, ao passo que a *inteligência* é a glória do homem) era tímida e permitiu que o homem fizesse seus avanços. O homem viu uma *beleza extraordinária* na jovem (sem dúvida ela tinha outras qualidades também, conforme o poema mostrará à medida que avançarmos). Várias símiles são empregadas para descrever a beleza da jovem. Aqui ela é comparada aos finos cavalos que puxavam, em particular, a carruagem real do Faraó. Esses cavalos eram sempre garanhões, mas uma égua é referida aqui porque esse belo espécime de mulher era precisamente isso, uma *mulher*. Por conveniência, pois, o autor refere-se aqui aos cavalos do Faraó como éguas. Quando o Faraó escolhia seus cavalos reais, podemos estar certos que eram os mais poderosos, mais belos e de maior graça. Assim também o autor sagrado, ao escolher uma esposa, considerou somente a melhor mulher para ser sua companheira pela vida toda. "Anacreonte (60) e Teócrito (*Idílio* xxviii.30,31) e também Horácio (*Odes* iii.11) compararam a beleza feminina à beleza eqüina" (Ellicott, *in loc.*).

Estava ali uma beleza não menor que a de Helena, que foi a grande heroína do *Idílio*, de Teócrito:

> *A dourada Helena, alta e graciosa, aparece como distinguida entre nós como o sulco no campo, o cipreste no jardim ou um cavalo tessalonicense no carro.*

**1.10**

**Formosas são as tuas faces entre os teus enfeites.** A jovem estava enfeitada com todos os tipos de belos ornamentos, jóias e pedras preciosas. No Oriente Próximo e Médio, as jóias eram usadas em torno da testa, com voltas penduradas nas bochechas (o que explica a referência a essa parte do rosto da jovem). Ao redor do pescoço havia um colar de pérolas ou pedras preciosas. O hebraico indica aqui *contas*. As mulheres orientais apreciavam muito os braceletes, as argolas de tornozelo e os anéis, e as maneiras que elas encontravam para usar esses adornos eram intermináveis. Mulheres não muito abastadas tinham de contentar-se com voltas de moedas de prata penduradas na testa, que se pareciam com escamas de peixes. As damas persas com freqüência usavam duas ou três fieiras de pérolas na largura da testa. Assim sendo, se no Novo Testamento a moderação é recomendada às mulheres (ver I Tim. 2.9), no caso desse homem, quanto maiores fossem as decorações que sua noiva potencial tivesse, mais ele a apreciava. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jóias e Pedras Preciosas*.

**1.11**

**Enfeites de ouro te faremos.** A jovem dispunha de um grande suprimento de ornamentos, mas o homem prometeu-lhe um maior número ainda de jóias. Ele mandaria fazer para ela ornamentos de ouro cravejados de prata, como braceletes. Ou então as próprias vestes dela seriam enfeitadas com objetos de ouro ou de prata bordados. O rei atraiu a jovem rústica com esses ornamentos preciosos, exibindo-os diante dos olhos dela.

Parece que os enfeites das vestes da jovem tinham a forma de fileiras, dando voltas em torno da saia, ou talvez isso faça alusão a mulheres que prendiam fileiras de enfeites nos cabelos, para ajudar a formar *tranças*.

Resisto à tentação de encontrar símbolos místicos e metafóricos em toda essa descrição, Cristo, o noivo, e a Igreja, toda enfeitada com virtudes morais e espirituais.

**A Mulher Fala** (1.12-14)

**1.12**

**Enquanto o rei está assentado à sua mesa.** "Mesa" é aqui, literalmente, "divã", onde a pessoa se reclinava para comer. A jovem ainda não havia obtido acesso ao dormitório do homem. A palavra hebraica deriva-se de *hiphil*, "fazer círculos", pelo que alguns estudiosos imaginam estar em pauta uma mesa circular. O uso posterior do vocábulo, entretanto, perdeu a idéia de um círculo, e simplesmente referia-se a um divã, que, aliás, era bem baixo, quase ao nível do chão.

1.13

**O meu amado é para mim um saquitel de mirra.** Agora a figura toma-se mais íntima. A jovem imaginou o homem como uma sacolinha de mirra, pendurada ao pescoço dela, posicionada entre os seus seios. O homem não seria capaz de ver a pequena sacola de perfume doce, mas certamente sentiria o aroma e seria atraído pela mulher. Seja como for, isso transmitia uma mensagem íntima, equivalente a dizer "Eu sempre o tenho deitado entre os meus seios", refletindo a fixação sobre os seios, tanto de homens como de mulheres, que se repete por diversas vezes no livro de Cantares. Ver 4.5; 7.3,8; 8.8,10. E embora os hebreus não soubessem muita coisa sobre os assuntos científicos, estava claro para eles, tal como está para nós, que os seios são órgãos sexuais secundários. Portanto, é impossível separar o desejo e o sexo dos seios femininos. O assunto inteiro é completamente louco, mas nossa genética nos apanhou em seus meandros. O homem foi programado pelos seus genes a pensar que os seios femininos são uma grande coisa, sem nenhum jogo de palavras. A mirra era uma goma de aroma agradável, que exsuda de certas árvores pequenas da Arábia. A mirra é mencionada, igualmente, em 1.13; 3.6; 4.6,14; 5.1,5 (duas vezes). Ver detalhes sobre isso no artigo chamado *Mirra*, no *Dicionário*.

> *Meu amante é uma sacolinha de mirra que jaz a noite inteira entre meus seios.*
>
> (NCV)

1.14

**Como um racimo de flores de hena nas vinhas de En-Gedi.** A donzela continuava a pensar em metáforas que descrevessem o seu amado. Ele era como um ramalhete de *hena*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Hena (Planta)*. Trata-se de uma espécie vegetal, cientificamente denominado *Lawsonia inermis*, um arbusto de cor rósea, com o odor similar ao da rosa. Essa planta era cultivada em várias regiões do Oriente Próximo e Médio. Ver essa espécie também mencionada em 4.13 e 7.11. A flor medra em ramalhetes e até hoje, na Palestina, as folhas e as inflorescências da planta são pulverizadas, e então o pó é aplicado a várias partes do corpo. *En-Gedi* (ver a respeito no *Dicionário*) era um oásis nas costas ocidentais do mar Morto, local onde o cultivo dessa espécie era possível, bem como o de vinhas, e, como é óbvio, de outras espécies vegetais também, conforme este versículo sugere. A imaginação da bela jovem estava sendo despertada e corria solta, e ela chegou a imaginar toda a espécie de coisas que jamais esperaríamos encontrar na Bíblia. Comparar isso com o poema de Tennyson:

> *Eu gostaria de ser o colar dela,*
> *O dia inteiro a cair e a levantar-me*
> *Em seus seios de bálsamo,*
> *A cada risada ou suspiro dela;*
> *E à noite eu jazeria tão de leve*
> *Que ela não me desataria.*

**O Homem Fala** (1.15)

1.15

**Eis que és formosa, ó querida minha, eis que és formosa.** O noivo potencial dirige-se agora à belíssima jovem que, com tanto entusiasmo, o perseguia. Ele tinha o seu próprio jogo de metáforas para expressar amor e admiração, e através de descrevia a estranha beleza física dela, que o deixava intoxicado como se fosse vinho. Em primeiro lugar, ele simplesmente declara a natureza incomum da beleza da jovem e a chama de seu *amor*. Então fixa os seus olhos nos dela, que considera serem olhos de pombas. A comparação com pombas é freqüente no livro de Cantares. Os olhos da jovem eram pacíficos e gentis. Ver Can. 1.15; 2.14; 4.1; 5.2,11 e 6.9. A pomba simbolizava as deusas de fertilidade. Mas também simbolizava a pureza e a constância, qualidades que um homem gosta de encontrar em uma mulher. "De acordo com o ensino dos rabinos, uma noiva possuidora de belos olhos, segundo se esperava, também possuiria um belo caráter. Seus belos olhos transmitiam uma idéia de seu caráter" (S. M. Lehrman, *in loc.*). Este versículo é reiterado em Can. 4.1.

> *... aqueles olhos de pomba que podem fazer reis resignar a seu ofício.*
>
> (Shakespeare)

> *Ouço-a a cantar como antigamente,*
> *Minha ave de cabeça brilhante,*
> *Minha pomba com seu olhos ternos.*
>
> (Tennyson)

**A Mulher Replica** (1.16 – 2.1)

1.16

**Como és formoso, amado meu, como és amável.** A donzela copiou o estilo usado pelo homem e primeiro fez uma simples declaração sobre a formosura dele, seguida por uma metáfora de amor. No entanto, em sua segunda cláusula, ela chama o homem de "amável". Talvez essa palavra pudesse ter sido traduzida por "encantador", referindo-se mais à sua personalidade do que à sua aparência física.

O amável homem lembra à jovem o belo leito dos dois, que literalmente é *verde*. Isso pode ser comparado ao leito nupcial de Zeus e Hera (Homero, *Ilíada,* xiv.347-351). Esse leito era feito de relva verde e fresca, lótus orvalhado, açafrão, jacinto, tanto grosso quanto mole, coisas que a terra divina havia preparado para eles. Pode haver, neste versículo, uma referência aos campos onde o homem e a donzela se encontraram, e onde o pomar era uma espécie de cama. Ali os dois se apaixonaram e desfrutaram, pela primeira vez, da companhia um do outro. Ou então, se devemos pensar em uma cama literal, então algo parecido com o leito de Zeus e Hera está em vista aqui. O casamento sagrado do rei, que veio a tornar-se parte da Festividade do Ano Novo, tornou-se tema de tratados e dramas orientais.

1.17

**As traves de nossa casa são de cedro.** A imaginação da jovem continuava a alçar-se, ou então a descrição veio daquilo que ela, finalmente, obteve em seu casamento. A jovem tinha uma casa de luxo, feita com cedros do Líbano, com caibros de cipreste. Ver sobre ambas essas madeiras no *Dicionário*. Talvez a jovem se referisse à cena campesina na qual os dois se encontraram pela primeira vez, como uma espécie de casa com suas árvores altas servindo de paredes e esteios. Nesse caso, o espaço entre as árvores era como um leito, e as árvores, tão altas que eram, pareciam-se com as paredes de uma casa. Ou talvez o casal contasse somente com uma *cabana* no campo; porém, na imaginação da jovem, essa cabana tornou-se como um castelo, visto que o amor dos dois era tão grande. O amor deles engrandeceu a tudo e, com um pouco de imaginação, a bela jovem se admirava de tudo.

Com o fim deste capítulo, presumivelmente as cerimônias do *primeiro dia* da festa do casamento realmente tiveram cumprimento.

## Capítulo Dois

A seção iniciada em Can. 1.1 continua até 2.8. Portanto, não há interrupção entre os capítulos 1 e 2.

2.1

**Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales.** A bela jovem, tão impressionada estava com o que o seu amante lhe dizia, resolveu elogiar-se a si mesma. Ela era uma "rosa de Sarom" e um "lírio dos vales". *Sarom* (ver a respeito no *Dicionário*) era uma região costeira fértil, no território de Israel, que se estendia de Cesaréia a Jope. A palavra hebraica aqui traduzida por "rosa" ocorre novamente no Antigo Testamento apenas em Isa. 35.1. Alguns falam no *açafrão*, planta que floresce na primavera, com flores ou púrpura ou brancas. Era uma flor comum dos prados. No acádico, a palavra refere-se ao *açafrão dos prados*. Se essa é realmente a referência, então o significado é que a bela jovem era como os prados cobertos de flores, quando esses florescem no tempo da primavera.

Ela também se parecia com os lírios dos vales, quando eles florescem. Essa flor é mencionada em vários lugares no livro de Cantares. Ver 2.1,2,16; 4.5, 5.13; 6.2,3; 7.2. A jovem demonstrava humildade, pois se referia a si mesma como as humildes flores dos campos; por outro lado, entretanto, essas flores tinham uma beleza toda especial, a cujo adorno nem Salomão, em toda a sua glória, jamais conseguiu se equiparar (ver Mat. 6.28,29). Contraste o leitor esse auto-elogio com as observações de Can. 1.5,6. Não se pode duvidar que *ser amado* é algo que transforma uma pessoa. "A maior coisa que você aprenderá é amar e ser amado" (conforme diz uma antiga canção popular). "Beleza, delicadeza e humildade pertenciam a ela, tal como pertenciam a Ele (ver Mat. 11.29)" (Fausset, *in loc.*).

**O Homem Fala** (2.2)

2.2

**Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha querida entre as donzelas.** Tirando proveito do tema de que a jovem era uma *flor do campo*, o homem incluiu um campo coberto de espinhos, ervas daninhas ou sarças, entre os quais a bela

jovem teria crescido. Todas as *outras mulheres* eram como arbustos espinhentos, e a jovem se distinguia como o lírio. "Ele concordou que ela era um lírio, mas não qualquer lírio! Era *ímpar,* tal como o lírio se destaca entre os espinhos" (Jack S. Deere, *in loc.*).

"O amor está à beira do que é miraculoso. Em torno do amor há algo inefável, indizível e até mesmo irracional. O amor dá de si mesmo sem medida e sem calcular os custos" (Hugh Thompson Kerr, *in loc.*). "O amor vive sempre acreditando em milagres" (J. C. Powys). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.*

**A Mulher Fala** (2.3-7)

**2.3**

**Qual a macieira entre as árvores do bosque.** A bela jovem apanha agora a essência da metáfora usada pelo homem, no versículo anterior. Tal como ela era o lírio entre os espinhos, assim também ele era como a macieira no meio de outras árvores (sem frutos) no meio da floresta. Se a macieira não tem mais beleza natural do que as demais árvores de um bosque, contudo, se você estiver andando pela floresta e ficar com fome, seria uma deleitosa surpresa encontrar uma macieira, para satisfazer a sua fome com as maçãs. Tal como ela era *ímpar* (vs. 2), ele também o era (vs. 3). Levando adiante a metáfora, poderíamos dizer que ele era ímpar e doce, tal como uma maçã também o é. A palavra hebraica para maçã é *tappuach* (traduzida por "maçã", na Septuaginta e na Vulgata Latina), mas alguns estudiosos dizem que aqui está em vista o marmelo. O marmelo, porém, era uma fruta ácida, que não se ajusta ao versículo. Outros eruditos pensam estar em foco alguma fruta cítrica. Nos montes, porém, haveria um clima frio o bastante para produzir a maçã. A própria palavra hebraica é plástica, podendo ser variegadamente traduzida.

Além de avantajar-se da *fruta doce,* a donzela também obteve *sombras* (proteção) debaixo da árvore e *refrigério* no calor do dia, isto é, nas árduas experiências da vida Cf. este versículo com Sal. 94.19; Efé. 2.6; I Ped. 1.8. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Maçã,* quanto a um amplo tratamento da questão da fruta em foco neste versículo.

**2.4**

**Leva-me à sala do banquete.** Tinha prosseguimento a festa do casamento e agora o rei introduz a bela jovem na casa do banquete, o que a leva a soltar exclamações sobre as maravilhas desse lugar. A tradução literal seria "casa do vinho"; mas isso nos sugere as idéias de banquete, de festividade e de satisfação dos apetites. A donzela não estava falando meramente sobre a satisfação de seus desejos físicos, mas de tudo quanto o homem significava para ela. Ele tinha-se tornado a vida dela. Ela buscava por ele, e ele buscava por ela, e assim a satisfação de ambos ficava garantida.

> *O amor sacrifica todas as coisas,*
> *Para abençoar o objeto amado.*
>
> (Edward B. Lytton)

> *Busquei o Senhor, e depois eu soube que*
> *Ele impeliu minha alma para buscá-lo,*
> *buscando-me.*
>
> (Um hino anônimo)

**O seu estandarte sobre mim é o amor.** Ela avançou sob a liderança e sob a proteção dele, como faz um soldado sob um poderoso general. Esta parte do versículo pode dar a entender que a bela jovem foi conduzida ao salão do banquete por uma guarda dos militares da elite do rei, o qual pode ter ordenado que um pendão fosse desfraldado sobre a cabeça dela, quando eles entraram no salão do banquete. Ou então a coisa toda é figurada. O rei era, igualmente, o principal general do seu exército e, naqueles dias brutais, somente os guerreiros mais fortes tornavam-se reis. A brutalidade da época requeria fortes militares para que a nação pudesse sobreviver. Contudo, aquele homem poderoso tinha-se tornado o protetor pessoal dela, e os seus amáveis cuidados pela jovem eram motivados pelo *amor,* o qual, afinal, é a coisa mais poderosa que existe à face da terra.

"Somente o amor é suficiente por si mesmo; agrada por si mesmo e por sua própria causa. Em si mesmo é um mérito, e é a sua própria recompensa Nunca tem causa nem conseqüência fora de seus próprios domínios. É o seu próprio fruto; seu próprio objeto e sua própria utilidade" (Bernardo de Clairvaux, extraído do livro de sua autoria, *Oitenta e Seis Sermões Sobre os Cantares de Salomão,* parte 509).

"Ela foi introduzida na casa do banquete de maneira grandiosa, imponente e majestática, em meio a um feérico colorido. Escrita na bandeira estava a palavra AMOR" (John Gill, *in loc.*).

Quando os soldados marcham, a bandeira deles é facilmente avistada. Assim também, o amor daquele homem por aquela jovem mulher era evidente. Era como uma bandeira que drapejava no ar.

**2.5**

**Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs.** A mulher continuava seu discurso. Intoxicada de amor, ela estava "adoentada" por tanto participar de coisas boas (retratadas como alimentos). No salão do banquete do rei, todas as suas necessidades e desejos físicos, por vinho e por alimentos, seriam satisfeitas. Na verdade, porém, ela já fora saciada com o amor. Havia aqueles deliciosos bolos de uvas passas no banquete, um acepipe oriental (ver I Crô. 12.40; Isa. 16.7; Osé. 3.1). Esses regalos estavam associados aos cultos de fertilidade dos pagãos. É difícil perceber por que maçãs literais seriam refrigeradoras para alguém adoentado. O sentido da frase poderia ser: "Faze-me uma cama com folhas de macieira", o que serviria para curar a jovem doente. Talvez os aromas dessa fruta a refrigerassem, mas provavelmente a referência é ao desejo de a jovem ser *saciada com o sexo.* Em outras palavras, a referência é metafórica, não literal. "O dardo do amor a havia ferido, e ela estava inflamada de amor" (John Gill, *in loc.*). Essencialmente, o que este versículo faz é mencionar itens da festa, transformando-os em símbolos eróticos.

**2.6**

**A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça.** Agora a imaginação da jovem foi diretamente ao objetivo de seus desejos. Ela estava deitada no leito. A mão esquerda do homem estava sob a cabeça dela, e com o braço direito ele a abraçava, o que, provavelmente, é um eufemismo para indicar o jogo do amor com a mão livre. Alguns intérpretes pensam que a donzela estava de pé, enquanto ocorria um simples abraço, mas isso dificilmente intensifica o que já foi dito no versículo anterior. Temos aqui "o anelo da jovem pelo amor, no tempo certo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6). Adam Clarke, corando de vergonha, deixou de lado este versículo, em seus comentários. John Gill faz tudo aplicar-se a Cristo e à Sua igreja, o que é ridículo. No versículo anterior, a jovem (em sua imaginação) preparou-se espalhando folhas sobre o leito. Neste presente versículo, ela está deitada no leito ou, pelo menos, é o texto faz parecer.

**2.7**

**Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém.** *A Mulher Dirige-se às Suas Atendentes.* A jovem estava vencida por seus sentimentos eróticos, tendo entregado as rédeas do controle à sua imaginação; assim sendo, ela ordenou às suas atendentes que não piorassem as coisas, excitando-a a fazer amor, mediante as suas palavras, os seus gestos, as histórias que poderiam contar, os olhares apaixonados, e outras coisas afins. Ela rogou, pois, que não despertassem o seu amor, mas permitissem que este jazesse dormente, até que chegasse o momento exato. O amor não pode ser forçado. O momento certo se aproximava rapidamente. Ela não queria estragar a hora do encantamento. Ela fez um juramento em torno dos animais dos montes, seus companheiros nas florestas e nos campos. Naturalmente, as gazelas e as corças eram animais sagrados para a deusa do amor, Astarte, e alguns estudiosos supõem que, por essa razão, a jovem tenha jurado por eles, como controladores ou excitadores da paixão, mas, no momento, ela preferia que agissem como controladores. É difícil dizer quanto paganismo entrou nesses discursos. Quiçá as alusões, que certamente parecem existir, eram apenas instrumentos convenientes dos discursos, e não elementos encarados seriamente. Aqui, por exemplo, a jovem poderia ter feito essas alusões e proferir tais expressões sem fazer nenhum juramento literal aos auxiliares da deusa do amor. Por outro lado, se tivermos de levar a sério a atmosfera salomônica do livro de Cantares, então o juramento pode ter sido literalmente feito. O rei foi dominado pelo paganismo e pela idolatria por meio da influência de suas muitas mulheres não-hebréias. Além disso, houve muitos períodos em que o paganismo invadiu a fé dos hebreus.

**Filhas de Jerusalém.** Esta expressão também se acha em Can. 1.4; 3.5; 8.4. Todas as mulheres de Jerusalém eram filhas de algum hebreu, e assim as palavras "filhas" e "mulheres" tornaram-se sinônimos. Para obter alguma variedade poética, a jovem variou os títulos que deu às mulheres que lhe serviam de auxiliares. Ver Can. 1.3, "donzelas".

**Aprofundando-se a Afeição Mútua entre Eles, a Noiva Continua a Elogiar Seu Amado, Usando Símbolos da Natureza** (2.8 - 3.5)

**A Mulher Fala** (2.8-13)

**2.8**

**Ouço a voz do meu amado.** A imaginação da jovem continuou inventando todas as espécies de imagens, e ela via o seu amado em todos os lugares e em

todas as coisas. Agora a jovem ouvia a voz dele, e reconheceu que ele já se aproximava, saltando por cima dos montes, ultrapassando as colinas, ansioso para estar ao lado dela. Ele vinha correndo como se fora um deus, superior a qualquer homem; estava cheio de forças e vigor físico. Demonstrava grande poder sobre os animais dos montes e dos campos, os quais, quanto à resistência física e aos atos de força, são muito superiores aos homens.

*Ouçam! Meu amante!*
*Olhem! Eis que aqui vem ele —*
*Saltando por cima dos montes,*
*Ultrapassando as colinas.*

(NIV)

2.9

**O meu amado é semelhante ao gamo.** Quando o amante da jovem se aproximava da casa dela, a donzela sentiu grande excitação. Lá se vinha ele, como um fogoso animal dos campos, que ela tanto havia admirado quando trabalhava ao ar livre (Can. 1.6). E assim como ele achou tanta graça e beleza na jovem, comparando-a a uma bela égua que puxava a carruagem do Faraó (1.9), também ela achou nele a beleza de um animal dos campos, o *gamo* ou o *veado*. As ações dele davam a impressão de força e agilidade, e o aspecto dele era gracioso. Ele chegara à casa dos pais da jovem, e olhara para dentro da janela, e ao vê-la, seu coração saltou de excitação.

**Detrás da nossa parede.** Essa parede circundava o pátio, pelo lado de fora da casa. Ele fora visto ali pela primeira vez; e então se aproximou da janela do quarto da jovem. Tenho procurado evitar os exageros de interpretação, frequência tolos, que o livro de Cantares tem recebido, em que alguma coisa da igreja de Cristo é visto em quase cada palavra. Por exemplo, a *parede* tem sido explicada como: 1. a lei, que bloqueia a graça de Deus dos homens, emprestando poder ao pecado; 2. a parede que separa os judeus dos gentios e que foi derrubada por Cristo; 3. os pecados dos homens, que os separam de Deus; 4. os intermediários de Deus que falam em seu nome; 5. a humanidade (carne) de Cristo, que ocultava a Sua divindade; 6. o muro de proteção que foi erguido em torno de Seus filhos, a fim de protegê-los. Listo aqui essas interpretações para mostrar ao leitor por que as estou deixando de fora, com coerência, e chegando ao sentido real do livro: *um amor romântico e erótico*.

2.10

**O meu amado fala e me diz: Levanta-te, querida minha.** As palavras deste versículo introduzem o poema que se segue e são a única composição prosaica que há no livro de Cantares. O homem pede que a jovem dê um passeio com ele pelo interior do país, na floresta, até o coração mesmo da natureza, a fim de que eles, juntos, possam desfrutar da companhia um do outro e das belezas naturais. A primavera foi belamente descrita, e podemos supor que essa estação do ano representasse o "amor jovem" deles. Nesse tempo, caros leitores, pensamos que viveremos para sempre, quando nossa saúde e nossas forças físicas estão ainda intactas. Ademais, é então que o vibrar do namoro está tão fresco e forte, antes que a idade avançada e a repetição diminua seu fogo. "Quando uma pessoa se apaixona, os sentimentos se assemelham aos que temos na primavera, pois tudo parece fresco e novo. E o mundo passa a ser visto por uma perspectiva diferente" (Jack S. Deere, *in loc.*).

**A Mulher Relata o Que o Homem Disse** (2.11-17)

2.11

**Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi.** O inverno havia passado, as tempestades tinham cessado, a primavera havia chegado, o amor era jovem: tomemos vantagem da primavera da vida; que o amor domine tudo.

**Inverno.** Essa palavra é tradução do termo hebraico *setaw*, a estação chuvosa de março e abril que trazia as *últimas chuvas*. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Chuvas Anteriores e Posteriores*. No fim das chuvas posteriores, a estação do crescimento das plantas começa com toda a força.

2.12

**Aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves.** As *flores da primavera* tinham começado a florescer com abundância; os animais dos campos podiam ser encontrados em todos os lugares, fazendo-se ver em sua jubilação diante da primavera, incluindo as muitas aves, como a *rola* (ver a respeito no *Dicionário*). A rola era uma ave migratória e seu aparecimento sinalizava a primavera (ver Jer. 8.7). Era chegado o tempo da natureza pôr-se a cantar, e o efeito no coração humano era sempre evidente. A harmonia e a alegria da primavera reavivavam o coração dos amantes, pois seu amor também se manifestava "na primavera".

*Florescências aparecem por toda a terra.*
*É chegado o tempo de cantar.*
*O arrulho das pombas pode ser ouvido.*

(NCV)

2.13

**A figueira começou a dar seus figos.** *A vegetação irrompe para a plena vida*. As árvores frutíferas, como as figueiras, de novo ofereciam suas bênçãos aos homens; as uvas enfeitavam o interior do país; as fragrâncias da primavera excitavam os sentidos. A natureza convidava os amantes a fazer seus passeios e suas observações, a desfrutar por inteiro da primavera de seu amor, antes que as estações desfavoráveis diminuissem ou extinguissem os prazeres. Assim como a primavera tem seus encantos, também a donzela era bela. O homem e a jovem formavam um par, e o homem estava bem consciente da comparação e da harmonia que existiam entre os dois. "A figueira, na Judéia, produz uma *dupla* safra, a primeira das quais amadurece na primavera. Mas a figueira, conforme já tive ocasião de observar algures, produz figos o ano inteiro, contanto que o clima seja favorável a essa produção. A figueira sempre tem frutos, maduros e verdes. Nunca vi uma figueira saudável nua de frutos. Mas, no começo da primavera, os figos crescem rapidamente e são muito suculentos e doces" (Adam Clarke, *in loc.*).

**O Homem Fala** (2.14-15)

2.14

**Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos.** As pombas fazem seus ninhos nos penhascos (ver Jer. 48.28) a fim de proteger-se dos predadores. Brincando, o homem compara sua noiva àquela ave, como se ela estivesse se escondendo dele. Ele queria ver seu rosto amorável e ouvir sua voz agradável. A jovem ainda não saíra ao ar livre para acompanhar o amado em seu passeio pela natureza, mas estava "escondida", como se estivesse em sua câmara, arreliando o homem. Os amantes, como é natural, queriam estar sozinhos, somente os dois, e que o resto do mundo cuidasse de si mesmo. Mas com o casamento, as crianças, o trabalho e um milhar de distrações, que se tornam impossíveis de contornar, esse romance fica difícil; e assim o amor jovem murcha, e a rotina mortal toma o lugar do romance. Naquele momento mágico, porém, as coisas corriam direito. "O amante compara sua amada a uma *pomba*, hesitante por juntar-se a ele nos campos. Assim, uma vez mais (Can. 2.10,13), o amado a convidou a deixar o lar dela e reunir-se a ele, para que ele pudesse usufruir da voz suave e doce dela, bem como seu rosto digno de ser amado" (Jack S. Deere, *in loc.*).

2.15

**Apanhai-me as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos.** As raposas ou chacais estariam nos vinhedos, estragando as vinhas por suas escavações ou comendo as uvas. Esses animais eram conhecidos por suas atividades destruidoras nos plantios. Talvez as atividades desses animais sugiram problemas que tinham de ser resolvidos no relacionamento do casal. Livrarem-se eles desses problemas seria garantir a continuação do amor livre, dos deleites do namoro. Mesmo nos casos de namoro e casamento ideais surgem problemas que precisam ser resolvidos, para que maior harmonia seja atingida. Deve haver a disposição para o casal resolver os problemas, quando os pontos de irritação são solucionáveis. Alguns estudiosos supõem que tenhamos aqui um trecho de uma canção rústica. Seja como for, a "passagem inteira da natureza" é o equivalente humano das danças de fertilidade da natureza. Os animais ocupam-se de danças intrincadas, mediante as quais os pares se juntam e revolucionam, usualmente o macho em torno da fêmea. Ademais, a maioria dos sons da natureza são chamadas sexuais, convites para o coito. Além disso, o colorido superior dos machos serve de atraente sexual para as fêmeas, como quando o pavão espalha sua cauda, que é o ato mediante o qual ele chama atenção de sua companheira. A maioria dos animais têm seu período fértil, mas os seres humanos ocupam-se dos jogos sexuais o ano inteiro.

*Odeio aquelas raposas de caudas de vassoura que a cada noite estragam as vinhas de Micom com suas mordias mortíferas.*

(Teócrito, *Idílio*, v.112)

**A Mulher Fala** (2.16-17)

**2.16**

**O meu amado é meu, e eu sou dele.** O jovem casal está agora passeando pela natureza, e a jovem observa seu excelente homem, que é *dela,* e ele é distintamente um pastor que cuida de suas ovelhas nos campos cobertos de lírios. Ou então o amante é pintado como um animal do campo que encontra grande quantidade de alimentos nos campos férteis por onde caminha. A rústica jovem continua a ver seu marido para futuro breve como um dos atraentes animais do campo, que ela observava todos os dias ao trabalhar nos vinhedos de seu irmão (Can. 1.6). Mas o hebraico parece favorecer a idéia do amante como pastor em seu trabalho agradável e frutífero para todos. A bela jovem descansava, segura na qualidade de pastor de seu amante, o qual, conforme pensava, cuidaria dela como cuidava das ovelhas dele.

**2.17**

**Antes que refresque o dia, e fujam as sombras.** Usando uma excelente metáfora, que tem achado caminho até em hinos e poemas, a jovem fala do próximo alvorecer, quando o dia começaria a *respirar* de novo (conforme diz o hebraico original, literalmente), quando as sombras da noite fugiriam de diante dos gloriosos raios do sol matinal.

*Quando a manhã doura os céus,*
*Meu coração, despertando, clama:*
*Que Jesus Cristo seja louvado.*
*Sê assim, enquanto a vida me pertence,*
*Meu cântico divino.*

(Traduzido do alemão por Edward Caswall)

Alguns compreendem aqui que as sombras fugidias se referem ao fim da tarde, com suas longas sombras que terminam com a chegada da noite. Nesse caso, as duas metáforas falam do *dia inteiro,* da alvorada ao cair da noite, conforme podemos julgar com base em Can. 4.6.

**Volta, amado meu.** O significado da palavra *volta,* neste versículo, é obscuro, mas parece apontar para a ida do amante a seus postos de caça nos montes, como a gazela que se diverte em seu hábitat, ou como o jovem veado que sobe pelas colinas em sucessão que formam os seus domínios. O homem ocupava-se de seus deveres como pastor desde cedo pela manhã até o anoitecer, pelo que agora estava pronto para ocupar-se de seu trabalho agradável, em favor de suas ovelhas e em favor de sua noite, sua pequena ovelha.

**Os montes escabrosos.** A referência poderia ser a Bitrom, que aparece em II Sam. 2.29, a qual ficava do lado oposto do rio Jordão – as chamadas colinas da *divisão,* que dividiam aquela parte do país do resto, o que também se dava com o rio Jordão. Mas a Revised Standard Version diz "áspero" onde a referência é obscura. O hebraico original diz aqui *hare bater,* "colinas da separação".

# Capítulo Três

Não há divisão entre os capítulos 2 e 3. Esta seção começa em Can. 2.8, onde dou notas expositivas de introdução.

**3.1**

**De noite, no meu leito, busquei o amado de minha alma.** *A Mulher Fala e Sonha.* O rei, que fizera sua visita ao interior do país e saíra em seu passeio com a bela jovem, sua futura esposa, voltara a Jerusalém. A pobre e bela jovem agora estava sozinha em sua casa. Ela se virava e se agitava no seu leito, e tinha sonhos estranhos. Só pensava em uma coisa, estivesse desperta ou dormindo — seu amante. Inflamada de amor e desejo, chamou o nome de seu querido, mas estava e sem resposta da parte dele. O hebraico talvez indique "noite após noite". O sofrimento de amor da jovem era prolongado. Ela anelava para que o casamento se consumasse. Estava cansada de viver sozinha em sua cabana, no interior do país. "De noite, no meu leito" provavelmente indica a vida de sonhos da jovem. Ela estava obcecada e dominada por pensamentos de amor.

Caros leitores, o *amor jovem* é, verdadeiramente, uma coisa louca, uma espécie de embriaguez; um tempo em que ser insano é permitido e até admirado. Schopenhauer, em seu pessimismo, não podia deixar essa jóia da natureza sozinha e permitir que as pessoas a admirassem. Portanto, declarou: "O amor é uma insanidade, curável por meio do casamento". A *alma* da jovem amava o homem, o que é repetido quatro vezes nesta passagem (vss. 1, 2, 3, 4). Schopenhauer queixou-se de que o amor e o sexo são as únicas coisas nas quais os jovens podem pensar, e ele considerava isso um louco desperdício de tempo. Por outro lado, visto que há tempo para tudo (ver Eclesiastes 3.1), que o amor entre os jovens tenha a sua oportunidade.

**3.2,3**

**Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade.** A donzela estava desesperada e já não agüentava suportar por mais tempo a sua vida solitária; assim sendo, fez uma viagem à cidade, em busca de seu homem. Alguns eruditos supõem que este versículo descreva um sonho que a donzela teve. O vs. 4 certamente afirma essa idéia. Ela não tinha descanso, nem de dia nem de noite, e até saía, em seus sonhos, em busca de seu amante. As ruas e as praças eram da "cidade grande", Jerusalém. A jovem interiorana perdeu-se na teia de ruas, sendo obrigada a pedir orientações ao vigia que patrulhava a cidade (vs. 3). Ela estava amando seu querido com a *sua alma* (repetido quatro vezes nesta passagem; vss. 1, 2, 3 e 4). O vigia encontrou a jovem vagando perdida pela cidade, e, assim, ela tirou proveito das circunstâncias para indagar sobre o seu amante. Ele era o rei, e todos sem dúvida o conheceriam, mas ninguém o tinha visto e ninguém pôde ajudá-la; por isso, sua busca particular prosseguiu. E novamente ela repetiu a frase que "a alma dela o amava".

**3.4**

**Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma.** Em seu sonho, a jovem, adoentada de amor, subitamente correu para o seu amado, a quem sua alma amava. Ela correu para ele e o abraçou, e não permitiu que ele se fosse. De súbito, porém, ela despertou, e ali estava na casa de sua mãe, no leito da mulher que a tinha dado à luz. Então ela acordou, e seu sonho se reduziu a nada. Ela estava sozinha de novo. Em seu sonho ela havia trazido seu amante para a sua casa, mas isso foi apenas — como na maioria dos sonhos — a satisfação de um desejo, que a compensava pela real satisfação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Sonhos.* No Oriente Próximo e Médio, se as mulheres casadas contavam com compartimentos separados na casa grande da família, é provável que a maioria dos jovens solteiras dormisse com suas irmãs ou compartilhasse do dormitório de sua mãe.

**3.5**

**Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém.** *A Mulher Fala a Suas Atendentes* Este versículo é uma repetição de Can. 2.7. Como ali, isso assinala o fim de uma seção. A seção que aqui termina é aquela que descreve o namoro. Doravante temos o começo da seção do casamento (Can. 3.6 - 5.1). A jovem, embora impaciente, foi capaz de atravessar todo o período de namoro e agora obteria o seu prêmio: o casamento. Ver as notas expositivas sobre o significado desse refrão, em Can. 2.7.

**Louvores ao Rei Salomão; a Noiva e os Desposórios** (3.6 - 5.1)

**A Mulher Continua o Discurso às Suas Atendentes** (3.6-11)

O namoro chegara ao fim. Agora teria lugar a cerimônia do casamento. O noivo chega, resplendente; e, excitada, a bela jovem chama suas companheiras para apreciarem a cena.

**3.6**

**Que é isso que sobe do deserto, como colunas de fumo...?** Surgindo na linha do horizonte do deserto, como uma coluna de fumaça, a liteira de Salomão é avistada. Sua liteira estava perfumada com mirra e incenso, bem como os pós preciosos e fragrantes que costumavam ser negociadas pelos comerciantes. Provavelmente devemos pensar aqui em talcos perfumados, feitos de especiarias, pétalas de flores esmagadas e misturadas em uma base de óleo. Ver as notas sobre Can. 1.3. A "alusão à fumaça" fala das *nuvens de poeira* levantadas no ar pelos cavalos e pela carruagem real. Talvez a liteira também estivesse envolta pelas nuvens do incenso que era queimado à frente e atrás dela.

"O costume de antecipar um cortejo com incenso era muito antigo e bastante generalizado no Oriente. Talvez fosse uma relíquia de cerimônias religiosas, nas quais os deuses eram carregados nas procissões" (Ellicott, *in loc.*).

**3.7,8**

**É a liteira de Salomão.** A liteira era puxada pelos mais excelentes garanhões e acompanhada por uma escolta militar de cerca de sessenta homens poderoso, os mais importantes soldados e oficiais de Israel, as *tropas de elite.* Cada um

daqueles homens era um guerreiro de renome; cada um deles era habilidoso com seus armamentos, sobretudo com a espada, que cada qual brandia ao seu lado (vs. 8). O rei era o comandante-chefe do exército e, normalmente, o maior guerreiro de sua tribo ou nação. Homens elevavam-se ao trono por seu poder militar, e esse poder era muito prezado naqueles dias, quando o povo sobrevivia à força. Era comum que os amigos do noivo o acompanhassem até o lugar onde a cerimônia seria efetuada, sendo provável que alguns dos que faziam parte da guarda militar do rei fossem amigos especiais do monarca. Davi tinha uma guarda pessoal dessas (ver II Sam. 23.3), formada em sua maioria por seus amigos pessoais, e outro tanto, como é provável, também se dava com Salomão. Alguns intérpretes supõem que a noiva viesse em companhia do noivo e que a guarda era necessária para efeito de proteção. O cortejo pode ter vindo de tão longe quanto o Líbano (4.8,15) e, assim sendo, teria de cruzar territórios infestados de bandidos. Até homens fortes *temem a noite,* quando estão em território inimigo. Toda precaução tivera de ser tomada. Cf. Atos 23.23 quanto à guarda de Paulo, quando ele foi escoltado até Cesaréia.

### 3.9

**O rei Salomão fez para si um palanquim de madeira.** Salomão era o homem que estava chegando na liteira. Seu veículo era real, feito dos melhores materiais, incluindo o cedro do Líbano, que pode ter sido a pátria da noiva e de onde o rei a estava transportando. Nesse caso, não era a jovem quem falava no versículo, a menos que ela tenha sido retratada como presente de alguma maneira, em espírito, para dirigir-se às suas companheiras. Cf. Can. 4.8,15.

### 3.10

**Fez-lhe as colunas de prata.** A liteira não era uma liteira comum. Além de ter sido feita de cedro, tinha colunas de prata, e sua espalda era de ouro puro. Seu assento era da mais excelente púrpura e tinha sido decorado pelas melhores bordadeiras de Jerusalém.

Este versículo apresenta várias dificuldades de tradução, pelo que existem emendas. Mediante uma comparação com a versão árabe, o interior da liteira aparece decorado em couro. Alguns manuscritos omitem as palavras "filhas de Jerusalém", no final do versículo. Isso também ocorre na Septuaginta e em alguns antigos manuscritos latinos. Além disso, Orígenes não encontrou essas palavras no texto que ele usou. Os melhores artífices prepararam a liteira, e as filhas de Jerusalém embelezavam-na com amor. Alguns dizem que uma "amável jovem" fez o interior da liteira.

### 3.11

**Saí, ó filhas de Sião, e contemplai ao rei Salomão com a coroa.** A admirável liteira havia chegado, e a ordem agora era que as companheiras da noiva saíssem e dessem uma boa olhada no carro. Elas veriam a belíssima liteira e, lá dentro, o rei Salomão, sentado com todas as suas vestes reais. Sua mãe tinha mandado confeccionar uma coroa especial para ele, exatamente para *aquela ocasião*, ou seja, o dia de seu casamento, quando ele se sentiria tão feliz. Os hebreus costumavam usar coroas preciosas de vários tipos em dias especiais. A coroa nupcial, entre os gregos e os romanos, era apenas uma grinalda de flores; mas parece que a mãe de Salomão fez muito mais do que isso.

## Capítulo Quatro

Não há interrupção entre os capítulos 3 e 4. Esta seção começa em Can. 3.6, onde dou algumas notas expositivas de introdução.

**O Homem Fala com a Mulher** (4.1-15)

### 4.1

**Como és formosa, querida minha, como és formosa!** A beleza da noiva é elogiada mediante uma série de metáforas que não têm muito sentido para nós, hoje em dia, mas faziam parte do arsenal dos poetas dos tempos antigos. Em primeiro lugar, o homem chama sua amada de "formosa" por duas vezes. Ele via seus dotes naturais destacados pelas suas pinturas de rosto, suas jóias e suas vestes esplendorosas. E então observa os olhos dela, os quais, para ele, eram como os olhos de uma pomba. Essa figura simbólica já havia sido usada em Can. 1.15, onde há notas expositivas. Ela trazia o véu sobre a cabeça, mas ele podia ver através dos panos para contemplar os belos olhos que o fitavam. Então os cabelos dela, que são uma grande atração sexual para os homens, eram longos e flutuantes e, para ele, pareciam um grande rebanho de cabras descendo pelas ladeiras de Gileade. Os cabelos dela eram negros, como os pêlos das cabras, e uma bela visão para ser admirada, da mesma maneira que um homem dos campos pensa que uma revoada de pássaros ou um rebanho de animais são belos. Os cabelos dela eram negros, lustrosos e graciosos. As montanhas de Gileade ficavam para além do rio Jordão, na fronteira com o deserto da Arábia. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Gileade.* Ver também ali os artigos *Cabelo* e *Véu.*

> *Quão bonita és, minha querida,*
> *Oh! Quão bonita tu és!*
> *Teus olhos por detrás de teu véu são como pombas.*
> *Teus cabelos são como um rebanho de cabras*
> *Descendo pelo monte Gileade.*
>
> (NCV)

### 4.2

**São os teus dentes como o rebanho das ovelhas recém-tosquiadas.** Os dentes dela lembravam o homem de um rebanho de ovelhas brancas que tivessem sido recentemente tosquiadas e banhadas. Em seguida, o homem relembrou que aquelas ovelhas eram tão férteis que todas tinham gêmeos, e, enquanto ele admirava a beleza física dela, sua mente rodopiava em torno de questões como casamento, sexo e filhos. Não é preciso muita coisa para que a mente de um homem passe a girar em torno de coisas assim. Para tanto, basta um belo palmo de rosto feminino. Naturalmente, as ovelhas são lavadas antes de serem tosquiadas, pelo que o homem não foi muito cuidadoso quanto à ordem de apresentação de suas declarações. Os dentes da jovem eram perfeitos, irrepreensivelmente equiparados uns aos outros, como se fossem gêmeos, e foi essa qualidade que provavelmente fez a mente do homem desviar-se para a questão da procriação.

### 4.3

**Os teus lábios são como um fio de escarlate.** Os *símbolos metafóricos* continuaram a jorrar da boca do homem: os lábios da jovem eram como um fio de escarlate. Ela os tinha pintado, tal como as mulheres fazem em nossos dias. Quando eu era jovem, isso era tabu nas igrejas evangélicas, mas esse assunto nada significa hoje em dia. Uma mulher que pinta os lábios e põe um colorido nas bochechas é o menor de nossos problemas atuais. Naturalmente, o *vermelho* é a cor da *paixão,* e a mulher pinta os lábios e colore para lembrar ao homem desse fato. O que ela tem em mente é amor, casamento, reprodução, filhos, família — e é isso que a cor vermelha diz. É como se ela dissesse ao homem: "Venha e fique comigo!". Se o homem corresponder ao convite, então ela terá conseguido todas as coisas que considera valiosas na vida.

No mundo animal, *vermelho* é a cor comum da atração, mas ali é o macho que tem essa coloração; contudo, é exatamente por essa razão que a mulher colore o seu rosto. Os dotes naturais de uma mulher são perfeitamente suficientes para ela conseguir candidatos para o casamento. Mas como a mulher é uma criatura de fé relativamente pequena, ela se pinta para aumentar suas chances de atração.

Além disso, as bochechas da donzela eram como metades de uma romã, isto é, avermelhadas. Essa fruta também possui muitas sementes, o que poderia ser outra figura da fertilidade. O homem estava vendo através do véu da jovem, mas isso não o impedia de perceber toda a beleza, com base na qual ele imaginava tanta coisa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Romã,* e ver também Can. 4.13; 6.7,11; 7.1,12 (na Septuaginta) (vs. 13, no original hebraico); e 8.2.

> *A romã traz à minha mente o corar de minha amada, quando o rosto dela se vê coberto de um modesto embaraço.*
>
> (Uma ode persa)

O poeta oriental usou a romã em sua metáfora, ao passo que um poeta ocidental usaria a maçã.

### 4.4

**O teu pescoço é como a torre de Davi.** O pescoço da donzela era como a *elegante torre* de Davi, edificada para ser um *arsenal.* Esta última palavra tem um sentido incerto, embora, para alguns, fale em *elegância.* Mas outros eruditos falam em *fileiras de pedras,* provavelmente montadas com habilidade e graça, de forma que a torre formava uma excelente estrutura. Os soldados penduravam seus escudos na parede da torre, e quem passasse por ali podia ver um milhar de escudos pendurados. Essa era uma visão impressionante; e outro tanto sucedia ao lindo pescoço da jovem. Essa metáfora não pretende falar em força, mas em elegância e beleza que impressionam a mente. Alguns vêem aqui a idéia do aspecto de realeza da jovem; mas por que o homem falaria sobre o *pescoço* dela

aqui? Ele deveria ter falado sobre o olhar ou sobre o andar dela, se quisesse mencionar a questão. Porventura ela mantéria a cabeça erguida (no alto de seu pescoço), com um olhar penetrante e de autoridade? Talvez o homem estivesse falando sobre todas aquelas jóias penduradas em várias voltas em torno do pescoço da jovem, o que sugeria os muitos escudos pendurados da torre de Davi. Nesse caso, então ela deve ter pensado que aquelas jóias punham em destaque a sua beleza. Cf. essa idéia com Eze. 27.11.

**4.5**

**Os teus dois seios são como duas crias, gêmeas de uma gazela.** Um homem dos campos admiraria as duas gazelas gêmeas que visse a pastar em um campo de lírios ou a beber em uma poça de água. Ele ficaria *encantado* diante de tal visão. A maioria dos animais jovens, mesmo quando não são belos, são, pelo menos, curiosos; e, quando avistados, oferecem certa excitação à mente humana. Cf. Can. 1.13; 7.3,7,8; 8.8,10 quanto à fixação de Cantares sobre os seios femininos. Comento esse fenômeno em Can. 1.13, pelo que não repito aqui as observações. Parece que os homens antigos se mostravam tão ridículos em torno dos seios femininos quanto os homens modernos se mostram, e a questão inteira, mui provavelmente, tem um fundo genético: apenas mais uma das armadilhas da natureza para garantir a procriação e a extensão da raça humana. Podemos falar na admirável simetria dos seios femininos; e também podemos explicar suas funções mamárias, coisas notáveis e verdadeiras. Mas os seios de uma mulher, como órgãos sexuais secundários, apontam para o desejo sexual, tanto do homem quanto da mulher. Sua importância para as funções sexuais dificilmente pode ser subestimada. Em um poema de amor como é o livro de Cantares, não havia como o autor deixar de lado um assunto como esse.

"Olhar para a pele suave de uma pequena gazela faz uma pessoa querer tocar nela. Salomão queria que sua noiva soubesse que sua gentil e suave beleza tinha acendido nele o desejo por ela, e quis expressar esse desejo com suas caricias" (John S. Deere, *in loc.*). Ellicott, movido pelo pejo, ignora este versículo. Plutarco pensava que a natureza deu à mulher dois seios, a fim de que, se ela tivesse gêmeos, pudesse alimentar a ambos ao mesmo tempo! (*De Liberis Educand.* vol. 2, parte 3).

Algumas fontes informativas espiritualizam de tal modo este versículo que o deixam irreconhecível. Uma dessas fontes sugere que os *dois seios* simbolizam as *duas ordenanças* da igreja, o batismo e a Ceia do Senhor! São idéias tolas como essa que têm impedido de envolver-me nas interpretações alegóricas do livro de Cantares. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alegoria.*

**4.6**

**Antes que refresque o dia.** Este versículo nos derruba da cadeira onde estamos sentados! O *monte de mirra* é um dos seios, e o *outeiro de incenso* é o outro. As mulheres antigas perfumavam os seios para tornar essa parte do corpo mais atraente aos homens, como se isso fosse necessário! Cf. Can. 8.14, onde temos outra referência a essa prática. O rei estava tão apaixonado pelos seios da jovem que prometeu que não deixaria a jovem sozinha, enquanto o alvorecer não lhe interrompesse as atividades. Já havia sido empregada a bela expressão sobre o começo do alvorecer e sobre a fuga das sombras, em Can. 1.17, onde temos outro versículo que versa sobre a fixação nos seios femininos. Ver as explicações ali. Consideremos aqui estes dois pontos:

1. Poderia estar em foco o irrompimento da manhã e a chegada das trevas noturnas, que eliminam as sombras da noite — a saber, *o dia inteiro.*
2. Ou essa expressão pode significar somente o *alvorecer,* quando as sombras da noite são abolidas.

Se o primeiro sentido está em foco, então o homem se ocuparia de suas atividades eróticas o dia inteiro; mas se devemos pensar no segundo sentido, então ele se ocuparia dessas atividades a noite inteira, somente para ser interrompido pelo dia, quando teria de parar e fazer alguma outra coisa. Naturalmente, estamos falando sobre o *amor jovem.*

**4.7**

**Tu és toda formosa, querida minha.** O nosso homem cessou em suas metáforas floridas por alguns minutos e apenas declarou a grande beleza que via em sua amada. Cf. Can. 4.1, onde ele diz duas vezes: "Como és formosa!". Aqui ele faz essa afirmação apenas uma vez, mas então afirma que ele não via, absolutamente, nenhum defeito nela. Presumivelmente, a jovem não tinha defeitos físicos. Isso é o que diz a maioria das pessoas sobre aquelas com quem vão casar-se. *Depois do casamento* é que as falhas começam a aparecer, algumas das quais bastante grandes. As pessoas têm o hábito de "apresentar-se no melhor de sua forma" quando estão namorando. Além disso, o romance produz anfetaminas naturais que propiciam ao indivíduo um alto estado drogado. Portanto, quando alguém está namorando, esse alguém torna-se uma pessoa diferente. Mas, quando o romance morre, o corpo produz quantidades cada vez menores da droga. Além disso, em cerca de três anos, o corpo abandona completamente o negócio da produção de drogas. Por essa época, a mulher provavelmente está grávida, e é nisso que consiste todo o jogo do amor. Portanto, cuidado com a "teoria da falta de defeitos". Esse é apenas outro dos truques da natureza. E a natureza torna-se mais cheia de truques quando engajada no romance.

> *Ele viu os lábios dela, uma coisa tão doce;*
> *Ele olhou para seus dedos cônicos e*
> *Viu os seios dela que arfavam. Ele louvou*
> *Tudo quanto viu, e creu que maiores*
> *Belezas, ainda desconhecidas, veria.*
>
> (Ovídio, *Metam.* livro 1, vs. 497)

**4.8**

**Vem comigo do Líbano, noiva minha.** *Todos os nomes próprios* deste versículo são comentados em artigos do *Dicionário.* Este versículo dá a entender que a noiva era do Líbano e, especificamente, de um lugar próximo às áreas geográficas especificadas. Era um lugar montanhoso, onde leões e leopardos tinham suas covas. É de presumir que o noivo foi com sua enfeitada liteira àquele lugar e obteve a sua noiva, e então houve a cena que precede a esta, sua entrada triunfal em Jerusalém, tão impressionante para todos quantos a contemplaram. Pode haver aqui uma alusão pagã a Astarte, a qual, a certo dia de cada ano, descia dos montes do Líbano ao rio Adonis, em Afaca. O Líbano era um dos centros do culto a Astarte. Assim sendo, a bela jovem pode ter sido comparada àquela deusa das colinas.

**Cume de Amana... de Senir e de Hermom.** O cume de Amana pico ficava na parte oriental da cadeia do Anti-Líbano, defronte de Damasco. O *Senir* e o *Hermom* são dois picos da cadeia do Hermom. Deu. 3.9 faz desses dois nomes sinônimos. Nos vss. 8-12, Salomão chamou a mulher de *noiva,* o que nos mostra que o capítulo 4 trata da *noite do casamento.*

**4.9**

**Arrebataste-me o coração.** Diz aqui o hebraico, literalmente, "tu me fortaleceste o coração", isto é, tocaste em meu coração e excitaste a minha mente. Diz aqui a NCV: "Emocionaste o meu coração", e tudo quanto ela fez para isso foi um simples olhar nos olhos e uma jóia no pescoço. O versículo fala em total paixão, do que resultou um desejo sexual quase incontrolável, conforme o restante do capítulo haverá de provar abundantemente.

**Irmã, noiva.** Ou seja, uma hebréia, mas agora transformada em noiva. Nos cultos pagãos da área, uma irmã era, com freqüência, uma noiva; e, quando falamos sobre a relação existente entre deuses e deusas, havia irmãos e irmãs que se casavam, e até mães e filhos que se juntavam por matrimônio. Mas parece um exagero ver tal relacionamento referido aqui, e, naturalmente, a rústica jovem das colinas do Líbano não era irmã consangüínea de Salomão. Nos países do Oriente, *irmã* era um nome que, afetuosamente, se dava a uma esposa.

Este versículo dá a entender que até um *único item associado* com a bela jovem, como uma peça de joalheria, era o bastante para incendiar o homem, quanto mais a própria jovem. Portanto, o amor dela era o vinho que intoxicava o homem. Ele estava embriagado o tempo todo, fora do bom equilíbrio mental.

**4.10,11**

**Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha!** *Outras coisas o inflamavam o homem,* como a visão dos lábios da jovem, ou a fragrância de seus vestidos, que tinham sido perfumados com o propósito distinto de atrair a atenção masculina e excitar-lhe o desejo. O *mel,* que podia ser encontrado com certa abundância nos campos e nas colinas, era o alimento mais doce que os antigos conheciam, o que explica o freqüente uso metafórico do produto. Era produzido por abelhas selvagens, não cultivadas nem "domesticadas", conforme se verifica hoje em dia. Além disso, o leite, de cabras ou de vacas, era um alimento básico na dieta dos povos da Palestina. Assim sendo, a combinação de *leite e mel* era comum quando as pessoas se referiam aos produtos benéficentes daquela área. Ver sobre ambos os itens no *Dicionário,* e vê-los então combinados nas referências literárias de Êxo. 3.8; 33.3; Lev. 20.24; Núm. 13.27; 14.8; Deu. 6.3; 11.9; Jos. 5.6; Jer. 11.5 e Eze. 20.6,15. O que esses itens eram para os habitantes da Palestina, para benefício deles, assim era a jovem para o seu futuro marido.

Os vss. 10 e 11 falam sobre os prazeres sexuais. Estamos agora considerando as descrições da noite de casamento. O homem estava participando dos prazeres que a jovem lhe oferecia, e eles eram como as coisas deleitosas da terra, o leite e o mel. A boca da donzela exsudava como que de leite e mel, uma referência aos beijos de amor. Os envergonhados deveriam manter-se distantes

do livro de Cantares! "Ela não era de maneira alguma passiva em seu jogo de amor. Seus beijos eram tão desejáveis quanto o lei e o mel... Tal como a terra, rica em prosperidade agrícola, era uma fonte de bênção e de alegria para o povo, assim também os beijos dele eram uma fonte de alegria para ela. Ela tinha aplicado, a si mesma e às suas vestes, um perfume comparável à doce fragrância dos cedros do Líbano (ver I Reis 5.6; Sal. 29.5; 92.12; Isa. 2.13; Osé. 14.5,6)" (Jack S. Deere, *in loc.*).

**4.12**

**Jardim fechado és tu... manancial recluso.** Mediante duas metáforas, tomamos conhecimento de que a donzela era virgem. Ela era como um *jardim fechado*, onde nenhum homem havia jamais entrado. Salomão foi o primeiro homem a entrar naquele jardim, e o primeiro a participar da fonte das águas. Ela estivera *inacessível* aos homens, até a sua noite de casamento, mas naquela noite seus frutos e suas águas ficaram à disposição de seu homem. Os jardins geralmente eram murados, para impedir a entrada de intrusos. As fontes, algumas vezes, eram muradas ou cobertas, quando estavam em propriedades particulares. Assim sendo, a bela jovem se mantivera selada para todos os outros, até que o destino lhe trouxera o seu devido marido. Quanto aos deleites sexuais de uma mulher, comparados a uma fonte, cf. Pro. 5.15,21.

*Ela tinha preservado intocado o selo de sua virgindade.*

(Nonnus, *livro ii*)

**4.13**

**Os teus renovos são um pomar de romãs.** A metáfora do jardim é mais desenvolvida ainda. A jovem era fonte de muitos frutos deliciosos, produtos do jardim, entre eles a *romã*, símbolo de fertilidade por causa de suas muitas sementes, mas esse era apenas um dos *frutos seletos* (Revised Standard Version) ou "frutos excelentes" (nossa versão portuguesa). Ela era um jardim versátil, que também produzia todos os tipos de especiarias deleitosas e flores. Quanto à *hena*, ver Can. 1.14. Essa era uma inflorescência branca, que pode ter sido cuidadosamente escolhida para simbolizar a pureza da mulher. O *nardo* era um ungüento fragrante, feito de plantas nativas da Índia. Consultar Can. 1.12. Ver detalhes sobre esses dois termos no *Dicionário*. Os deleites oferecidos pela mulher, na noite de seu casamento, eram estranhos e variegados. Tudo isso faz parte da linguagem exagerada do amor jovem, que tem sua época, mas logo passa.

**4.14**

**O nardo e o açafrão, o cálamo e o cinamomo.** O homem continuou a louvar os *prazeres* que a jovem lhe oferecia na noite do casamento deles, mencionando várias especiarias, muito valorizadas pelos homens e itens do comércio internacional. "O contexto inteiro sugere luxúria e fertilidade" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Todos os nomes próprios deste versículo recebem artigos no *Dicionário*. O *nardo* é repetido com base no vs. 13; o *açafrão* era um pó feito dos pistilos de uma planta da variedade do açafrão (ver Can. 2.1, onde provavelmente está em vista essa planta). Era usado como uma especiaria para melhorar o gosto dos alimentos. O *cinamomo* era usado em perfumes; a *mirra* (ver Can. 1.13) tinha qualidades apreciadas pelo perfumista; o *aloés* era uma planta nativa da área do mar Vermelho, cuja madeira parcialmente estragada fornecia um aroma fragrante. Então temos um termo generalizado, *as principais especiarias*, incluindo as que acabamos de mencionar e outras que não foram citadas. Considerando os itens acima, somos informados de que a jovem era atraente a todos os sentidos, a visão, o tato, o olfato e o paladar. A donzela sabia excitar a percepção dos sentidos, e isso porque era uma mulher em todos os seus aspectos. O noivo deixou de lado o sentido da *audição*, mas podemos estar certos de que a jovem o excitava com sua conversa amorosa, seus comentários e suspiros, conforme o ato prosseguia.

**4.15**

**És fonte dos jardins, poço das águas vivas.** O homem agora retornava à *metáfora da fonte*, que também havia apresentado no vs. 12. Ali a fonte estava fechada, mas agora estava aberta e manava, deixando escapar águas vivas, limpas e puras, como as águas que manavam dos montes do Líbano. A referência, naturalmente, alude aos fluidos lubrificantes da mulher, que, a propósito, dão aos espermatozóides um bom ambiente de sobrevivência, quando estes se aproximam do óvulo a fim de concebê-lo. Os espermatozóides medram bem nesse líquido, sem o qual não poderiam fazer a "longa viagem" para conceber o óvulo feminino. Que os envergonhados se mantenham distantes do livro de Cantares! As fontes das montanhas são refrigerantes e doadoras de vida; e assim também se dá com uma mulher, com suas misteriosas propriedades doadoras de vida, que começam no sexo e terminam na reprodução. Ellicott, envergonhado, ignorou este versículo, preferindo perceber todo tipo de significados místicos e espirituais.

**Torrentes que correm do Líbano!** A fonte é elevada, alimentada pelas neves perpetuas do Líbano, refrigerando os vales e desertos lá em baixo, levando águas vivas para Damasco.

**A Mulher Fala** (4.16)

**4.16**

**Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul.** A fim de cumprir, de maneira grandiosa, seus deveres e prazeres da noite do casamento, a jovem invocou a ajuda das forças da natureza. Os ventos refrigeravam os jardins e bafejavam em derredor doces fragrâncias. O vento, neste caso, representa as *provocações* que são despertadas pelo ato sexual, contribuindo para os prazeres e para a eficácia na concepção. A mulher desejava ser *possuída*, ou seja, que o amante adentrasse seu jardim (ela mesma), e queria que o momento mágico perdurasse pela noite inteira, enquanto os ventos, soprando brandamente, a ajudavam com a excitação assim provida. O versículo é "um convite delicado, poeticamente belo, para que o amante da jovem a possuísse inteiramente (entrasse nela). Ela desejava estar, através de seus encantos, disponível para ele como um fruto em uma árvore, pronto para ser apanhada (cf. o vs. 13)" (Jack S. Deere, *in loc.*).

# Capítulo Cinco

Não há interrupção entre os capítulos 4 e 5. Esta seção teve começo em Can. 3.6, onde dou notas expositivas de introdução. A nova seção começa no vs. 2 deste capítulo. Uma divisão em capítulos apropriada faria o vs. 2 ser o vs. 1.

**O Homem Fala** (5.1)

**5.1**

**Já entrei no meu jardim, minha irmã, noiva minha.** A mulher tinha convidado o homem a tomar posse dela, de modo pleno e satisfatório (Can. 4.16), porquanto ela, o jardim, até então fechada, agora estava franqueada para ele. Can. 5.1 assinala o momento da possessão, além de muitos momentos em seguida, na noite do casamento. Ele entra no jardim, respirando palavras apaixonadas à bela jovem, chamando-a, afetuosamente, de irmã-noiva. Quanto a isso, ver Can. 4.9,10,12. Chamar uma noiva de "irmã" era um tratamento afetuoso. O homem, uma vez no jardim, tirou proveito dos frutos e das especiarias. É como o leite e o mel, e também como o vinho, que intoxica. As figuras de linguagem registradas são aquelas que vemos nos vss. 11, 13 e 14 (onde essas questões são comentadas). Mas agora é acrescentado o vinho, que já tinha sido mencionado antes, a fim de dizer-nos que "o amor é como isso" — intoxicante e agradável. Ver Can. 1.4 e 4.10. Entusiasmado, Salomão declara que o casamento estava consumado. Ele tinha desfrutado inteiramente de seu "jardim" e todas as suas expectativas tinham sido cumpridas. Possuir a donzela havia sido mais deleitoso do que uma visita ao mais belo e atraente jardim. Este versículo (e a presente seção) termina com um convite renovado, por parte da noiva, ao homem, para cumprir todos os seus desejos, possuindo-a como seu jardim. E esse convite inclui a *continuação* dos prazeres do casamento. Por longo tempo, aquela primeira sessão mágica seria repetida.

**O Noivo Ausenta-se por Algum Tempo, Durante o qual a Noiva Apela por Sua Volta e Continua a Elogiá-lo** (5.2 - 6.9)

Os vss. 2-8 deste capítulo repetem o que temos em Can. 3.1-5, uma experiência de *sonho*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos*. A seção geral trata do casamento; suas intimidades; suas alegrias; e os desejos físicos que o casamento produz, que não tinham diminuído desde a noite do casamento e foram tão vividamente descritos no capítulo 4. Alguns vêem o problema da indiferença entrando no quadro, algo tão comum nos casamentos. Esse é um problema marital muito sério, e os materiais à nossa frente sugerem as soluções.

**A Mulher Sonha; o Homem Fala no Sonho** (5.2)

**5.2**

**Eu dormia, mas o meu coração velava.** As primeiras palavras dos vss. 2-8 são identificadas como uma *experiência de sonho*. A mais óbvia função dos sonhos é o cumprimento dos desejos; em seguida, temos a solução de proble-

mas. Alguns sonhos tratam de questões morais e espirituais e podem ser instrutivos e, ocasionalmente, reveladores. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos.* A donzela teve um *sonho erótico:* 1. Ou porque seu marido estava viajando por algum tempo e a tinha deixado sozinha; 2. ou ele tivera uma "ausência mental" e se esquecera das primeiras paixões do casamento. Se esse foi, realmente, o caso, então o sonho preencheu as funções de *cumprimento de desejo.* Ela queria recapturar seu primeiro amor apaixonado. Não estava feliz com a indiferença que se havia instalado entre os dois, o que é um dos principais problemas maritais.

*No sonho,* ela imaginou seu amado batendo à porta do dormitório. Ele chegou cheio de desejo e chamou-a por aquele termo afetuoso, *irmã.* Cf. Can. 4.9,10,21 e 5.1. Essa *irmã* também era seu *amor,* sua *pomba,* e era *perfeita,* o que repete descrições anteriores. *Pomba* (Can. 1.15; 2.14; 4.1); *amor* (1.15; 2.7,10,13; 4.1); *perfeita,* isto é, sem falha alguma (4.7). O homem estivera fora, e seus cabelos vinham cobertos de orvalho, sempre tão pesado em Israel. Era noite, o tempo apropriado para a renovação de seu amor sexual.

**A Mulher Fala (em Sonho)** (5.3-8)

**5.3**

**Já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez?** *Uma Aparente Apatia?* A donzela já estava preparada para recolher-se ao leito. Já tirara a túnica e também suas roupas íntimas; já havia lavado os pés (um costume oriental) e não queria sujá-los de novo. Portanto, ela não queria dar admissão a ele. E, além disso, preferia continuar dormindo. Ou ela estava brincando com ele, deixando-o chateado, como se *ela* tivesse ficado indiferente a ele, e assim deu uma desculpa falsa e trivial para não se levantar e abrir a porta; ou, no início, ela realmente estava indiferente. O amor poderia esperar pelo dia seguinte.

**5.4**

**O meu amado meteu a mão por uma fresta.** O marido, um tanto desajeitado, tentou abrir a porta, pondo a mão *na fresta.* A referência é obscura, e a Revised Standard Version diz simplesmente "no trinco". "A fresta era a abertura feita na porta, acima da fechadura, que permitia a introdução da mão com a chave, para a posição certa de abertura" (Ellicott, *in loc.*). A fechadura comum era apenas uma espécie de barra que passava por uma presilha fixada na porta e se ajustava à ombreira da porta. Essa barra era oca e tinha perfurações nas quais seriam postos pinos. Para que a barra se movesse, era mister remover os pinos. A chave tornava possível a remoção dos pinos. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Fechadura; Trancar (Cadeado, Fechadura, Pino*), que esclarecem mais ainda a questão. Ouvindo toda essa tentativa do marido de abrir a porta, a jovem teve um súbito ataque de paixão. "O coração dela se enterneceu" (Revised Standard Version); seu coração "começou a bater forte" (NIV).

**5.5**

**Levantei-me para abrir ao meu amado.** Em seu sonho, a mulher saltou da cama e correu, ansiosa, para a porta. Sua mão gotejava mirra e, com os dedos cobertos pela mesma substância, ela destrancou o mecanismo da fechadura. Algumas vezes, a mirra estava associada ao ato de amor (ver Pro. 7.17; Can. 4.6; 5.13). Devemos compreender que a jovem se recolheu ao leito com toda aquela maquilagem que as mulheres até hoje passam nas mãos, no rosto e no corpo. Naturalmente, o quadro é aqui exagerado, para destacar ainda mais a descrição. Era um costume romano ungir as portas da câmara nupcial com óleos fragrantes, e talvez exista aqui uma alusão a um costume similar entre os hebreus. Nesse caso, em vez de já ter passado óleo nas mãos, estas ficaram oleosas quando agarraram o mecanismo da fechadura.

**5.6**

**Abri ao meu amado, mas já ele se retirara e tinha ido embora.** O sonho transformou-se em pesadelo quando, ao abrir a porta, a jovem descobriu que seu apaixonado marido já se havia ido embora, desistindo dela. Talvez algum outro dia ele tivesse mais sorte. Ela então lembra como seu coração desmaiou quando ele a chamou (vs. 4), e lamentou amargamente o desaparecimento do amado. Chamou por ele, nas trevas da noite, mas ele já estava muito distante para ouvi-la.

**5.7**

**Encontraram-me os guardas que rondavam pela cidade.** Continuando seu sonho, a bela jovem correu pelas ruas, na noite escura, procurando seu marido. Mas, em vez de encontrá-lo, ela encontrou os vigias noturnos. E eles lhe deram uma surra, pensando que se tratava de uma prostituta procurando vítimas. Então tiraram sua túnica fina, que ela tinha vestido com pressa, antes de sair no escuro da noite. O hebraico tem aqui a palavra *redid,* talvez algo semelhante à *tsaiph* de Rebeca (Gên. 24.65). Alguns eruditos acreditam estar em vista um grande *véu.* Isso faria sentido, porque a remoção do véu identificaria a mulher como prostituta. Por outro lado, devemos relembrar que estamos tratando com um sonho. Além disso, o fato de lhe terem tirado a túnica poderia significar que "a deixaram nua", embora o sonho não fale de modo tão radical. Contudo, teria sido muito embaraçoso para uma mulher perder sua túnica externa, deixando expostas suas roupas íntimas (ou vestes noturnas). Cf. Can. 3.3, um sonho anterior que também envolveu guardas.

*O Significado do Sonho.* A indiferença demonstrada por ela espantou o seu homem. Ela deveria ter correspondido às paixões do marido, sem deixá-lo "seco de desejo", conforme poderíamos dizer. Portanto, ela foi punida. Em vez de ser tratada como uma jovem da sociedade, foi maltratada e se viu desnuda. Em outras palavras, ela foi envergonhada por sua conduta de vergonhosa indiferença. *Mensagem:* Que a jovem voltasse a seu anterior caminho apaixonado e satisfizesse a seu marido, ou ele iria embora, e ela ficaria triste quando fosse tarde demais.

**5.8**

**Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, se encontrardes o meu amado...** Abalada pelo sonho, e ainda no sonho, a mulher pediu que suas companheiras encontrassem o marido dela, a fim de que ela pudesse corrigir a situação. Ela ficara *chocada* com sua experiência no sonho e estava ansiosa por mudar de atitude. Ou então, na manhã seguinte, impressionada pelo sonho da noite anterior, ela chamou suas atendentes para buscarem o marido dela. *Agora* ela estava tomada pela paixão, "doente de amor", conforme estivera antes de casar-se. Ver Can. 2.5. Presumivelmente, sua paixão renovada impediria o marido de continuar vagueando. Mas um marido que não vagueia é um mito, pois o homem é um polígamo genético natural, como a maioria dos animais irracionais. É conforme diz um ditado popular: "Todos os homens são malandros. Todas as mulheres são exibicionistas". Salomão vagabundou com 700 esposas e 300 concubinas, o que deve ter sido um recorde. Mas ele não agiu assim somente porque uma de suas mulheres perdera a paixão inicial. Seja como for, é bom que não haja indiferenças no amor, e isso tem algum valor no matrimônio, se não mesmo um valor absoluto. É como certo homem se queixou: "Estou casado, mas não tenho esposa".

**As Companheiras da Mulher Respondem** (5.9)

**5.9**

**Que é o teu amado mais do que outro amado...?** As filhas de Jerusalém (ver a expressão em 1.5; 2.7; 3.5,10) responderam aos apelos da donzela, querendo receber uma identificação sobre o homem a quem deviam procurar. Este versículo é uma espécie de provocador de discurso, que capacitaria a jovem a tornar-se extática e apresentar um enorme elogio a seu homem.

O que tem o teu amado que não têm os amados de outras mulheres? O que o distingue de outros homens? Com que direito tu nos ordenas da maneira que ordenaste? Quando elas chamaram a jovem de "a mais formosa entre as mulheres", ficamos sabendo que elas a conheciam muito bem e sabiam quem era o marido dela. Isso posto, as perguntas que elas lhe dirigiram foram apenas provocadoras de discursos.

Esse tipo de introdução a um discurso que viria em seguida por certo indica que estamos abordando um *cântico de amor* cantado em ocasiões especiais, como os casamentos entre nobres. Há vários participantes. As filhas de Jerusalém formavam o *coro.*

**A Mulher Responde com Seu Elogio** (5.10-16)

**5.10**

**O meu amado é alvo e rosado.** O capítulo 4 contém o elogio do homem acerca de sua querida esposa; agora temos o elogio da jovem acerca de seu querido. Este elogio segue as mesma linhas daquele, feito pelo homem, com suas metáforas poéticas cheias de figuras dramáticas e exageradas.

"A descrição da juventude, nestes versículos, está cheia de figuras extravagantes, que não devem ser interpretadas tão literalmente. Ou então o sujeito pode ser um deus. O autor sagrado empilhava figuras de linguagem buscando seu efeito total para atingir uma beleza estonteante" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

Cantares de Salomão é outro livro engraçado, como Eclesiastes. Ninguém pode antecipar que coisa fantástica o autor dirá em seguida.

**O mais distinguido entre dez mil.** O amante que é o herói deste livro era *radiante e rubicundo* (Revised Standard Version), ou "limpo e corado" (NCV). Era o mais distinguido habitante masculino de Jerusalém, e o original hebraico diz "portador do pendão". Ele era quem levava o pendão à testa do cortejo, ou quem

liderava o exército ao campo de batalha. Dez mil outros homens o seguiam, todos inferiores a ele. Ele era o capitão, o chefe, o general, o maior e melhor homem. Esse foi o homem que a jovem deixara batendo inutilmente à porta! (Can. 5.1,2). Portanto, é como alguém já disse: "As mulheres são criaturas engraçadas. Hoje não poderiam se importar menos com um homem. Amanhã, estarão batendo à porta dele".

**5.11**

**A sua cabeça é como o ouro mais apurado.** O ouro apurado é algo excelente. O ouro é um metal nobre; e aquele homem também era nobre. O ouro é um material valioso; aquele homem também era digno dos maiores encômios. O ouro é procurado por muitos daqueles que valorizam os tesouros; aquele homem era digno de ser buscado, por causa de seu valor inerente. O ouro é um metal excelente; aquele homem também era excelente. Ele era uma pessoa de ouro.

Seus cabelos eram negros como as penas de um corvo. Os hebreus antigos tinham a tez mais ou menos como os árabes modernos. Séculos de perambulações pela Europa (com casamentos mistos) clarearam a pele dos hebreus. Os cabelos negros eram uma característica racial muito bela, da qual os hebreus se orgulhavam. Cf. Can. 4.1, onde se lê que a cor dos cabelos da jovem também era negra. Cabelos ondulados eram os preferidos tanto nos homens como nas mulheres, entre os hebreus. Trata-se de uma característica genética mediante a qual os cabelos são achatados, e não roliços. Os cabelos achatados ficam ondulados ou encaracolados, mas os cabelos roliços permanecem espetados. Os cabelos da donzela eram negros como os pêlos de uma cabra; os cabelos do homem eram negros como as penas de um corvo. A bela jovem estava falando em *beleza física,* influenciada como era por sua herança racial.

Certos indivíduos orientais têm a cabeça oblonga, algo conseguido artificialmente, apertando a cabeça do bebê entre duas tábuas de madeira (uma de cada lado) a fim de produzir a distorção. Conheci um caso no qual uma mulher ia casar-se com um homem da mesma raça, de quem ela gostava como ele era, *exceto* pelo fato de que a cabeça dele era redonda. Sua mãe não se tinha dado ao trabalho de achatá-la com as tábuas quando ele ainda era um infante. Assim sendo, os sinais da beleza física variam com a preferência de cada raça.

**5.12**

**Os seus olhos são como os das pombas.** O nosso homem, tal como sua amante, tinha *olhos de pomba* (cf. Can. 4.1; ver 1.15, onde comento sobre essa figura). Os gregos apreciavam olhos de pombas, e os árabes, olhos de vacas. O olho é o espelho da alma, sinal de inteligência e simpatia. Parece que as principais idéias são "paz e gentileza".

Presume-se que os olhos da pomba que se banha adquirem um brilho todo especial, e as pombas gostam muito de banhar-se, pelo que, com freqüência, exibem lustre extra em seus olhos. Uma metáfora sugeriu a outra. O banho da pomba que aumenta, alegadamente, o lustre de seus olhos, sugere que o branco puro dos olhos do homem fazia com que seus olhos parecessem jóias escuras engastadas em um banho de leite, a parte escura no meio, e o branco em redor. Esse contraste apresentava uma bela visão para a jovem.

**5.13**

**As suas faces são como um canteiro de bálsamo.** As bochechas do homem, com aquele seu aspecto juvenil, eram como deleitosos canteiros de especiarias e flores perfumadas. Não estão em vista aqui o cor e a aparência física, mas o desejo, algo que era delicioso. Em contraste, as bochechas da donzela eram vermelhas de paixão, como se fossem uma romã (Can. 4.3). Nos países do Oriente, alguns homens perfumavam suas barbas! Talvez tenhamos aqui uma alusão a isso e, nesse caso, devemos pensar um aroma atraente. Adam Clarke acreditava estar especialmente em vista a *barba,* que cobria parte das bochechas, e ele via até mesmo algo de *majestático* em uma barba bem cuidada, referindo-se aos homens europeus, sempre muito bem escanhoados. Mas a cópia de um quadro que o retrata não mostra nenhuma barba! Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Barba,* bem como a importância dessa "decoração" para os hebreus.

Os lábios do homem eram como lírios, suaves e bem-feitos. Aos lábios do homem era aplicada a unção de mirra. Isso contrastava com os lábios pintados de vermelho da bela jovem (Can. 4.3). Cf. isso com a frase de Tennyson: "Ele pressionou a inflorescência de seus lábios sobre os meus". "... lábios como lírios, fluindo mirra" (NCV). A NIV diz aqui: "gotejando como mirra", isto é, a unção gotejava. Essas figuras metafóricas exageradas não visam a mente ocidental, mas a mente oriental, com seu gosto pelas hipérboles e pelos exageros, que deve ter sentido o seu impacto.

Os símbolos espirituais e místicos vistos nas palavras deste versículo são, realmente, muitos e variados, e toda a espécie de coisas é vista naquilo que, na realidade, é apenas um cântico de amor, e não um escrito místico a ser decifrado por meio de interpretações alegóricas. Tenho poupado o leitor (conforme penso) de tantos absurdos, ignorando essencialmente essa atividade. Adam Clarke observou, com estranheza, que é um absurdo interpretar uma metáfora com outra metáfora. Quanto à inspiração cristã, você terá de apelar a outra fonte. Há abundância de outras referências bíblicas que podemos examinar quanto a isso, portanto permita que Cantares de Salomão seja exatamente o que é: um cântico erótico de amor; eloqüente, mas poeticamente belo, mas não um manual de significados espirituais e místicos que precisam ser descobertos mediante o método alegórico de interpretação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Interpretação Alegórica.* Ver a seção XII da *Introdução, Interpretação da Sua Mensagem.*

**5.14**

**As suas mãos cilindros de ouro, embutidos de jacintos.** Os braços (mãos) do homem eram outro ponto de atração de seu corpo, tal como o ouro é um ponto de atração. Cf. o vs. 11, onde a cabeça do homem já fora comparada a esse nobre metal. Aqui, porém, o ouro tinha incrustações de jóias. "Suas mãos eram como dobradiças de ouro, cravejadas de jóias" (NCV). "Seus braços são colunas de ouro, cravejadas de crisólitas" (NIV). Talvez algo tão trivial como mãos bem formadas, com belas unhas, esteja em vista aqui.

O corpo dele era tão bem formado, colorido e simétrico que podia ser comparado a uma estátua de marfim incrustado de safiras (no hebraico, *lápis-lazúli*). Polido ou suavizado, o marfim pode referir-se ao formato muscular firme do abdome. A palavra hebraica envolvida, na parte aramaica do livro de Daniel, significa *corpo,* mas em outras porções bíblicas estão em pauta os órgãos internos. É possível, contudo, que a jovem se tenha apresentado como alguém capaz de olhar para dentro do corpo do homem; portanto, alguns estudiosos dão aqui *abdome.*

**5.15**

**As suas pernas colunas de mármore.** Ademais, para a bela jovem, as pernas do homem pareciam colunas de mármore, e os pés dele pareciam bases de ouro. A aparência geral do homem era majestática e impressionante, como os cedros escolhidos do Líbano. Alguns estudiosos vêem aqui a *altura* do homem como o aspecto de uma árvore de cedro. "Ele era alto como os cedros imponentes do Líbano" (John S. Deere, *in loc.*).

**5.16**

**O seu falar é muitíssimo doce.** A bela donzela termina elogiando a boca de seu amante (o falar), que ela chama de doce, uma boca de falar suave e doce para beijar. Cf. Can. 4.3 quanto aos belos lábios da mulher, e sua fala graciosa. O hebraico literal diz aqui *palato,* um dos instrumentos da fala. Essa palavra hebraica era usada para indicar *a fala propriamente dita* (ver Jó 6.30; 31.30; Pro. 5.3). A NCV pensa estarem em pauta os beijos doces.

**Ele é totalmente desejável.** Isso equivale a dizer que ele era sem defeito, tal como ele havia dito acerca dela (Can. 4.7): "Tu és toda formosa, querida minha, e em ti não há defeito".

O homem que tinha acabado de ser descrito, com todos aquelas metáforas superlativas(embora exageradas), era *ele,* o amante da jovem, aquele que deveria ser procurado e trazido à jovem.

*Jesus, Teu amor sem medida por mim*
*Nenhum pensamento pode alcançar, nem língua declarar;*
*Oh, costura meu coração grato a Ti,*
*E reina ali sem qualquer rival!*
*Teu inteiramente, teu somente, quero viver,*
*E entregar-me totalmente a Ti.*

(Paul Gerhardt)

Caros leitores, apelo para a interpretação alegórica porque não posso resistir a adicionar esse mais excelente dos hinos neste comentário. Esqueçam a paixão de Cantares por um momento e considerem a devoção singular.

# Capítulo Seis

Não há interrupção entre os capítulos 6 e 7. Esta seção começa em Can. 5.2, onde apresento as notas expositivas de introdução. A nova seção começa em Can. 6.9.

**As Atendentes Falam à Bela Jovem** (6.1)

**6.1**

**Para onde foi o teu amado...?** A pergunta feita pelas atendentes da jovem introduz uma novo discurso, e é quase certo que esse coro seja o prelúdio de

outra parte do cântico romântico que estava sendo entoada. Talvez cânticos como esse fossem cantados nos casamentos de nobres, como parte das celebrações do matrimônio que perduravam por vários dias. Há um paralelo dessa declaração na liturgia de Tamuz (*Cuneiform Texts from Babylonian Tablets,* atualmente guardados no Museu Britânico, parte XV). É provável que ali existam ocasionais empréstimos de fontes informativas pagãs, mas não é nada provável que Cantares de Salomão seja, em qualquer sentido real, uma peça literária cúltica pagã.

Cf. este versículo com Can. 5.9, outra dessas perguntas introdutórias. Ali as jovens atendentes da donzela perguntam o que havia de especial no amado dela. Aqui, porém, elas queriam saber onde deveriam procurá-lo, para que pudessem trazê-lo de volta para sua amada.

### A Mulher Responde às Amigas (6.2-3)

#### 6.2

**O meu amado desceu ao seu jardim.** Consideremos estes dois pontos:

1. Os vss. 2-3 podem indicar que o homem amado tinha ido trabalhar em seu jardim e em lugares onde punha suas ovelhas a pastar, em lugares atraentes, cobertos de lírios e flores de todas as espécies, cheios de especiarias e deleites. Além de pôr a pastar os seus rebanhos, ele recolhia lírios, possivelmente para trazê-los à jovem. Nesse caso, o vs. 3 indica uma comunhão mental e emocional. A separação do casal tinha sido causada por certa tensão emocional, mas agora essa emoção exagerada já fora curada.
2. Ou esses dois versículos nos remetem a Can. 4.12 ss., à própria mulher como um jardim que estivera fechado (pois ela tinha sido virgem), um jardim onde se ocultava uma fonte (prazeres sexuais). Nesse caso, ou na realidade ou em pensamento, o casal estava novamente unido, e os prazeres sexuais (mentalmente ou como um fato) tinham sido renovados após certo período de abstinência.

#### 6.3

**Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.** A antiga paixão e devoção tinham retornado, e os prazeres do casamento foram renovados, ou em breve o seriam. Os vss. 4 e ss. quase certamente favorecem a segunda dessas duas interpretações, mas apontam para a presença literal. O homem havia regressado.

### O Homem Fala à Mulher (6.4-9)

#### 6.4

**Formosa és, querida minha, como Tirza, aprazível como Jerusalém.** O homem estava de volta a fim de cuidar de seu "jardim", a esposa. O tempo da abstinência havia passado, e a paixão retornara. Tal como sucedera na noite dos desposórios, o homem elogiou a esposa por todas as suas qualidades; portanto, encontramos aqui uma repetição de várias metáforas vistas no capítulo 4, que descreve a noite do casamento. Era uma espécie de "segunda lua de mel". A primeira metáfora de louvor compara a mulher a *Tirza* e a *Jerusalém,* belas e excelentes cidades, lugares onde o amante se sentia em casa e onde encontrava muitos de seus prazeres. Após a separação das Dez Tribos (Israel) de Judá e Benjamim (as duas tribos de Judá), *Tirza* tornou-se a capital do reino do norte por quatro reis, Baasa, Elá, Zinri e Onri (I Reis 15.21,33; 16.8,15,23). Quanto a detalhes, ver o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário.* Tirza era um lugar aprazível como Jerusalém, um lar longe do lar. Essa cidade era chamada de *perfeição da beleza,* conforme se vê em Lam. 2.15. Assim o homem, de volta ao seu *jardim,* estava em casa, como se estivesse em Tirza ou Jerusalém.

**Formidável como um exército com bandeiras.** Estando perto de seu "jardim" novamente, o homem se deixou enfeitiçar pelos encantos da jovem; ele estava debilitado como se um exército estrangeiro tivesse invadido Jerusalém com todos os seus pendões desfraldados, símbolos de poder. Em outras palavras, os prazeres que ela lhe oferecia novamente o enlouqueceram, como acontecera em sua noite de casamento. A ausência mútua tornara seu coração mais amoroso. As antigas paixões estavam de volta e, naqueles momentos, o homem estava estonteado por causa delas. A menção a Tirza, como é óbvio, situa a escrita do livro de Cantares consideravelmente após a divisão dos reinos, muito tempo depois da época de Salomão, embora se argumente que há porções do livro mais antigas, às quais foram entretecidas outras, formando assim uma nova composição. Seja como for, parece que fazer de Salomão autor do livro de Cantares foi apenas um artifício literário, não uma afirmação de autoria real. Ver a seção II, chamada *Autoria,* na *Introdução* ao livro, quanto a uma ampla discussão sobre o tópico. Tirza aparece aqui como um paralelo de Jerusalém, o que sem dúvida indica que ambas eram capitais, a primeira do reino do norte, e a segunda do reino do sul.

#### 6.5

**Desvia de mim os teus olhos, porque eles me perturbam.** Uma vez mais, a jovem fixara seus *olhar apaixonado* no pobre homem, e isso era mais do que ele podia agüentar. Por essa razão, ele implorou que ela fosse misericordiosa e afastasse o olhar. O homem fora *vencido* (King James Version), *perturbado* (Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa) ou *superexcitado* (NCV). Estamos tratando aqui com o amor jovem, quando o olhar sensual de uma mulher é tão poderoso que é semelhante a "um soco que leva a nocaute". O olhar da mulher era *deslumbrante* e *irresistível.*

Can. 6.5b-7 é repetição direta de Can. 4.1b-3. A passagem de Can. 4.3a não é repetida no texto massorético, mas é reiterada na Septuaginta e nas versões do latino antigo, do siríaco e do Hexaplar siríaco.

A passagem de 6.5b diz que os cabelos negros da mulher se pareciam com um rebanho de cabras (de cor negra) de Gileade. Ver isso anotado em Can. 4.1b.

#### 6.6

**São os teus dentes como o rebanho de ovelhas.** Os *dentes* dela eram como um *rebanho de ovelhas* (ver Can. 4.2a) e também como ovelhas gêmeas (ver Can. 4.2b).

#### 6.7

**As tuas faces, como romã partida.** As faces da jovem eram como duas metades de uma romã (ver 4.3b). O comentário sobre os *lábios* dela (4.3a) não é repetido aqui pelo texto massorético, mas é dado em diversas versões, que listo em Can. 6.5b. A adição nas versões provavelmente está em harmonia com o outro texto, e o texto mais curto deve ser o preferido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* e também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que inclui informações sobre como os textos são escolhidos quando aparecem variantes.

#### 6.8

**Sessenta são as rainhas, oitenta as concubinas.** "Pode haver sessenta rainhas e oitenta escravas (concubinas), e tantas jovens que você não poderá contá-las, mas só há uma como minha pomba, minha pomba perfeita" (NCV). A referência, quase certamente, é ao harém de Salomão, quando esse harém ainda não havia atingido o número de mil mulheres: 700 esposas e 300 concubinas (ver I Reis 11.3). Embora o rei tivesse incontáveis mulheres, havia apenas uma Bela Jovem, com quem as outras mulheres nem se podiam comparar. Qualquer circunstância como essa, no registro histórico do trato de Salomão com suas esposas, faz-se ausente. Essa é outra razão para se duvidar da autoria real do livro de Cantares por Salomão, o que pode ter sido apenas um artifício literário. Ver a seção II, *Autoria,* na *Introdução* ao livro, quanto a uma completa discussão. Ver também as notas sobre o vs. 4 deste mesmo capítulo. Alguns estudiosos (anacronicamente) objetam a fazer de todas essas mulheres parte do harém de Salomão, bem no meio de seus altos elogios à "mulher". Mas isso é compreender o livro de Cantares a partir de nossa moderna mentalidade monógama. "Presumivelmente temos aqui uma descrição do harém de Salomão... embora os números sejam bem mais modestos do que em I Reis 11.3. É provável que esta última passagem reflita tempos posteriores dessa mesma tradição" (Ellicott, *in loc.*). Ver todas essas mulheres testemunhando a reunião entre o homem e a mulher é uma evasiva cristã da questão. O que poderíamos tomar como *deprimente,* para o autor era um *louvor:* se o homem tinha todas aquelas esposas e concubinas (e sem dúvida havia muitas mulheres bonitas entre elas), a bela jovem derrotava a todas quanto ao encanto, à graça e à atração sexual, pelo que deve ter sido uma pessoa excelente, de fato!

#### 6.9

**Mas uma só é a minha pomba, a minha imaculada.** A *esposa preferida* era a *pomba* do homem, uma metáfora muito repetida para referir-se a ela (Can. 2.14; 5.2), mas também usada pela mulher acerca do seu homem (5.12). Ademais, ela era *perfeita,* ou seja, sem nenhuma falha de nenhuma espécie, o que vemos também em Can. 4.7. Além disso, ela era a "flor" dos filhos de sua mãe, sua *filha mais distinta.* A superioridade dela era reconhecida pelas *filhas* de outras mulheres, as quais se tinham tornado outras esposas de Salomão. Talvez essa referência seja às *filhas de Jerusalém,* as atendentes da bela jovem. E outro tanto reconheciam as rainhas e concubinas (vs. 8) a superioridade da bela donzela. Assim sendo, no harém de Salomão, ela era a *Flor.* Enquanto para a tão distinta mente cristã ser apenas uma das esposas do rei serve de circunstância deprimente, para a mente dos judeus isso era motivo de altos louvores. A bela jovem vencia na competição, o que não era fácil. Mas fazer este versículo servir de elogio à superioridade da monogamia certamente é um anacronismo. Ser a mais bela entre mil outras mulheres certamente não é o mesmo que ser a única.

**Uma Série de Passagens Descritivas sobre a Beleza Física da Noiva** (6.10 - 8.4)

O homem nunca desistiu. Seguem-se mais louvores à mulher, e um discurso erótico é o nome do jogo. A reconciliação teve lugar, e seguiram-se sessões apaixonadas de amor, misturadas a metáforas extravagantes que descrevem a mulher.

**As Mulheres Louvam a Bela Jovem** (6.10)

**6.10**

**Quem é esta que aparece como a alva do dia...?** As *mulheres* deste versículo poderiam ser todas aquelas mencionadas no vs. 9, ou então podemos compreender que as atendentes da singular jovem estavam falando de novo, e, mediante sua canção em coro, introduziam outro discurso, desta vez dirigido ao homem.

Encontramos outra fieira de metáforas. Ninguém se cansava de elogiar essa *mulher ideal*. Ela aparece como o irromper da manhã, que ilumina um novo dia. Era tão bela como os luzeiros celestiais, a lua e o sol, que governam a noite e o dia, respectivamente. Era a governante do dia do rei. Era *formidável* e devia ser respeitada como um exército que marcha em redor da cidade com pendões desfraldados. Ver o vs. 4 deste capítulo. Sua beleza e seus encantos tinham incendiado a cidade inteira, algo que Helena fez, aquela que podia enviar um milhar de navios à guerra, para o que lhe bastava mostrar seu belo rosto. A descrição era como a de uma deusa, e não de uma mulher, conforme os gregos diziam quando impressionados diante de alguma coisa: "É um deus". Portanto, a cidade inteira estava dizendo: "Ela é uma deusa!". Para o povo, ela era como a multidão das estrelas do firmamento:

> *Que luz é essa que coa através daquela janela?*
> *É o Oriente, e Julieta é o sol!*
> *Levanta-te, belo sol!*
>
> (Shakespeare, *Romeu e Julieta*)

**O Homem Fala** (6.11-12)

**6.11**

**Desci ao jardim das nogueiras, para mirar os renovos do vale.** *A Intimidade se Reinicia.* A jovem era agora um pomar repleto de castanhas escolhidas; era como as inflorescências do vale que produzem múltiplos e excelentes frutos. Ela, a guardadora da vinha (Can. 1.6), era agora a vinha do rei, aonde ele podia ir e arrancar as uvas. Ela era como uma plantação de romãs, cujas muitas sementes simbolizavam a fertilidade. Ela já havia sido comparada a um jardim (Can. 4.12 ss.), mas agora era um pomar, um vale de frutos e com um vinhedo. Ela era a origem de intermináveis prazeres e deleites. O homem foi ver se a mulher continuava tão boa como antes, e descobriu que ela estava ainda melhor!

Alguns eruditos fazem deste versículo o discurso da mulher e, nesse caso, ela estava tomada de maior paixão ainda do que o homem.

**6.12**

**Não sei como, imaginei-me no carro do meu nobre povo!** "Meu desejo por você me faz sentir como um príncipe em uma carruagem" (NCV), cuja tradução compreende os vss. 11 e 12 como palavras do homem. Ser um príncipe guiando um ótima carruagem como aqueles cavalos escolhidos deve ter sido uma experiência divertida, e assim era estar com aquela extraordinária mulher. O passeio na carruagem, naturalmente, é um eufemismo para o ato de amor. O vs. 12 é obscuro no original hebraico, pelo que tem atraído diversas traduções. A Revised Standard Version apresenta a jovem sentada na carruagem, ao lado de seu príncipe, tendo compreendido as palavras dos vss. 11-12 como palavras da mulher. Os dois, em seu ato de amor, eram como um príncipe e sua jovem noiva correndo em sua excelente carruagem. *Diversão* era o vocábulo que descrevia o passeio, pelo que esse mesmo termo é uma boa descrição da renovada sessão de intimidade. A carruagem do rei era o mais veloz veículo da época. Andar na carruagem era uma *experiência emocionante*, e assim isso é aplicado ao amor. Mas ninguém sabe, com certeza, o que o vs. 12 quer dizer.

**As Atendentes Chamam pela Jovem** (6.13)

**6.13**

**Volta, volta, ó Sulamita, volta, volta, para que nós te contemplemos.** O coro das damas chama a mulher e assim introduz outro discurso. Cf. Can. 5.9 e 6.1. Este cântico, ao que tudo indica, era uma canção antifônica de amor, apropriada para ser cantada nos casamentos dos príncipes e dos nobres.

**Sulamita.** Os eruditos têm dado muitas explicações sobre esta palavra. Dou uma completa explanação sobre a questão no artigo com esse título, no *Dicionário*. Entre os eruditos de nossos dias, há uma quase concordância de que essa palavra é simplesmente a forma feminina de Salomão, a "mulher de Salomão", por assim dizer, a *rainha*, a *esposa* do rei. Esse título, naturalmente, dava a ela grande estatura e respeito entre o povo de Israel.

**Dança de Maanaim.** Ofereço detalhado artigo sobre essas palavras, no *Dicionário*. Esse era um lugar sagrado na Transjordânia (ver Gên. 32.2), e alguns vêem aqui uma referência à dança pagã e sagrada, realizada em completo estado de nudez, em honra à deusa da fertilidade. Mas a Revised Standard Version toma o original hebraico não como uma localização geográfica, antes o traduz de acordo com o significado das palavras, "uma dança diante de dois exércitos", o que teria sido um evento muito significativo tanto para os exércitos como para as mulheres que diante deles dançaram. Sabemos que era um dança sensual, em consonância com os temas de amor do livro de Cantares, mas o significado exato da dança permanece na dúvida. Que pode haver de mais sensual do que uma dançarina que expõe seu corpo diante de homens? As atendentes da jovem queriam ver a bela jovem dançar para carregar a atmosfera de sensualidade — essa pode ser a idéia do convite feito. "A conexão entre os esportes militares e as danças sempre foi algo bem íntimo do Oriente, e o costume de realizar uma dança das espadas, nos casamentos, pode ser reflexo do antigo costume" (Ellicott, *in loc.*).

## Capítulo Sete

Não há interrupção entre os capítulos 6 e 7 deste livro de Cantares. A última sessão começa em Can. 6.10 e termina em Can. 8.4. Ver Can. 6.10 quanto a notas de introdução. Can. 7.1-10 é trecho que dá evidências de amadurecimento no relacionamento do casamento. Os símbolos de amor tornam-se ainda mais ousados e íntimos (se isso é possível!).

**O Homem Fala à Mulher** (7.1-9)

**7.1**

**Que formosos são os teus passos dados de sandálias...!** Os homens vêem grande beleza nos pés femininos e, quando estes são vistos através de sandálias, isto é, *nus*, a atração ainda é maior. Eu mesmo nunca me deixei atrair pelos pés de uma mulher, mas outros homens dizem que os pés femininos revestem-se de grande beleza. Assim como eram os antigos, outro tanto acontece aos modernos. Existe uma perversão sexual chamada de "fixação dos pés". Alguns homens que vendam calçados são afligidos por essa fixação, por causa de sua loucura pela beleza dos pés femininos. Muito bem, os pés de uma mulher são uma bela cena de ser vista, mas ficar fixo nos pés?...

**Os meneios dos teus quadris...** Sem dúvida de grande beleza eram os pés da bela donzela. O homem, olhando para a jovem, começou a prestar atenção ao pés dela, e foi *subindo* em seu olhar, sendo essa a maneira normal de um homem apreciar uma mulher, para decidir se ela é bela ou não, e quão sexualmente desejável é. Tal como eram os antigos, assim são os homens modernos. Os olhos de um homem sobem pelas pernas e param por um instante para observar as coxas. Ele olhou longamente as "curvas de suas coxas" (hebraico literal). Essas coxas foram declaradas *redondas* como pedras preciosas, depois de trabalhadas por um artífice joalheiro. Em outras palavras, ela era uma obra de arte. "O formato das pernas dela fizeram-no lembrar a obra atrativa de um mestre artesão" (Jack S. Deere, *in loc.*).

Alguns transportam a figura da dança até Can. 7.13 e imaginam o homem a observar a jovem em sua dança sensual. Que os envergonhados permaneçam longe do livro de Cantares!

**7.2**

**O teu umbigo é taça redonda, a que não falta bebida.** O olhar do homem continuava a *subir*. Agora ele fixou os olhos sobre o umbigo da jovem, notando sua semelhança a uma taça muito bem desenhada, sempre cheia de vinho. O vinho faz lembrar a sensualidade, e era apenas natural que o homem pensasse no umbigo da mulher como se estivesse cheio de vinho, especialmente estando ela a realizar uma espécie de dança que destacava essa área de seu corpo. O corpo da jovem estava intoxicando o homem. Cf. Can. 4.10. O olhar do homem fixou-se por longo tempo sobre a região abdominal da jovem e, enquanto observava, requeimava de paixão. Ele pensou que aquela área se parecia com um

monticulo de *trigo,* cercado de lírios. Isso, literalmente, é uma metáfora que parece fora de lugar, mas quando nos lembramos de que o trigo era parte da dieta comum dos habitantes da Palestina (ver Deu. 32.14; II Sam. 4.6 e 17.28), a metáfora faz sentido. O homem estava faminto pela jovem, tal como os pobres têm fome de trigo. Ela era a bebida e o alimento dele. Quando a possuísse sexualmente, comeria e sorveria tudo de quanto tivesse direito e ficaria satisfeito. Na verdade, o livro de Cantares chega aqui a um ponto extremado e, pessoalmente, não posso ver aqui Cristo e a Sua igreja, de forma alguma. Portanto, excetuando alguma menção ocasional, deixo inteiramente de lado a interpretação alegórica.

7.3

**Os teus dois seios como duas crias, gêmeas de uma gazela.** O olhar do homem continuou *subindo* pelo corpo da jovem. E agora, eis que ele vê os seios! Eles eram como gêmeos superlativos, crias gêmeas de uma gazela. O autor não se deu ao trabalho de inventar uma nova metáfora para os seios da jovem, pelo que usou a mesma encontrada em Can. 4.5, onde há notas expositivas a respeito. Cf. Can. 1.13; 4.5; 7.3,7,8; e 8.8,10 quanto à fixação dos homens nos seios das mulheres, como parte da concupiscência sexual. Desenvolvo essa idéia em Can. 1.13 e 4.5, pelo que não tentarei impressionar os leitores com quaisquer outras observações *chocantes*. O trecho de Can. 4.5 adiciona outra linha — "que se apascentam entre os lírios". Essas palavras faltam aqui, embora a versão siríaca, para efeito de harmonia, inclua essa observação neste versículo, igualmente.

7.4

**O teu pescoço como torre de marfim.** Continuando a erguer seu olhar, o homem viu o belíssimo pescoço da jovem, o qual, para ele, se parecia com uma "torre de marfim". Ao falar sobre o pescoço dela antes, ele o comparou à "torre de Davi" e apresentou uma elaborada metáfora com base nisso. Metais preciosos, jóias e marfim (as metáforas comuns do livro de Cantares) nos fazem lembrar do que é precioso.

Prosseguindo em olhar cada vez mais para cima, o homem chegou aos olhos da jovem, sobre os quais ele não podia deixar de falar. Antes eles pareciam ao homem como os olhos gentis e graciosos de uma pomba (Can. 1.15 e 4.1). Agora, entretanto, pareciam com as "piscinas de Hesbom", com água tão pura, tão limpa, que refletiam os céus. A piscina particular que esse homem tinha em mente ficava próxima do portão de Bate-Rabim, lugar atualmente desconhecido. Talvez esse seja o nome de uma porta, mas não da cidade de Jerusalém. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Bate-Rabim* e *Hesbom.* Se está em pauta uma porta, então devia ser uma das portas da cidade de Hesbom.

Continuando a olhar cada vez mais para cima, o homem fixa sua atenção sobre o nariz dela. Era um nariz de rainha, parecido com a *torre do Líbano.* A poderosa torre em questão ajudava a proteger Damasco, pelo que era considerada bela e útil. Adam Clarke (*in loc.*) admitiu que a metáfora do nariz parecido com uma torre o deixava perplexo e sugeriu que talvez algo de incomum ou belo naquela torre que desconhecemos hoje em dia. Mas um homem, enlouquecido pelo amor, nem sempre precisa inventar metáforas congruentes.

7.5

**A tua cabeça é como o monte Carmelo.** O homem, tendo começado a contemplar os pés da donzela, foi subindo e agora terminou seu exame na cabeça. Nela viu uma coroa gloriosa, como se fosse o *cume do Carmelo,* que subia de forma majestática acima das colinas e planícies em derredor. Ela tinha um porte de rainha, confiante e orgulhoso. Quanto à majestade do monte Carmelo, ver Isa. 35.2 e Jer. 46.18. Ademais, a jovem possuía belíssimos cabelos negros (antes retratados como os pêlos negros da cabra que desciam pelas colinas de Gileade; Can. 4.1 e 6.5). Seus cabelos eram enredados formando tranças, que amarravam o rei, de modo que ele não podia escapar. Naturalmente, essas tranças eram objetos especiais de beleza. Os homens ficam apaixonados diante dos cabelos longos e flutuantes de uma mulher, e não podem compreender por que elas aparam tanta beleza! Esse é um ponto de beleza feminina que todos os homens apreciam, e os longos e flutuantes cabelos de uma mulher são mais belos aos homens do que a maioria das mulheres sabem ou apreciam. A beleza da jovem era poderosa o bastante para tornar o rei um prisioneiro! Os cabelos da donzela são apresentados como dotados de uma coloração púrpura, ou como se houvesse algo dessa cor trançado neles, emprestando-lhe uma atração adicional. Adam Clarke (*in loc.*) disse aqui: "Fitas ornamentais e jóias dessa cor".

7.6

**Quão formosa, e quão aprazível és, ó amor em delícias!** Tendo falado sobre porções particularmente belas do corpo da jovem, o homem agora nos apresenta uma avaliação geral. Ele considerou a jovem extremamente bela e atraente, uma mulher cheia de delícias, e chamou-a de "amor em delícias". És uma "donzela deleitável" (Revised Standard Version). "És cheia de deleites" (NCV). O hebraico original diz aqui, literalmente: "Oh! amor, entre coisas que deleitam", o que é retrabalhado pelas versões e traduções modernas, para dar um sentido mais fácil. Ela era uma "filha da delicadeza", isto é, uma "donzela deleitável".

7.7

**Esse teu porte é semelhante à palmeira.** *A Metáfora da Palmeira.* O homem via a palmeira como uma árvore tanto de porte elegante quanto frutífera. Os frutos da tamareira sempre foram considerados deliciosos, como acontece até hoje. O homem, doente de amor, com a mente sobre carregada de metáforas de amor, naturalmente via nas tâmaras uma semelhança natural com os seios femininos. As tâmaras pendem altas de uma tamareira, tal como os seios de uma mulher, mas não completamente no topo (na cabeça). Os ramos, pendurados do alto da árvore, nos fazem lembrar a cabeça de uma mulher, recoberta de cabelos. A própria palmeira é alta e graciosa, e fez o homem lembrar-se do corpo da mulher. No Oriente, a palmeira graciosa era uma figura comum da beleza feminina. *Tamar,* um nome de mulher, significa *palmeira.* Esse é o nome de três mulheres nas páginas do Antigo Testamento. Ver a respeito no *Dicionário.*

Alguns intérpretes vêem aqui *duas metáforas:* a metáfora da graciosa e altiva palmeira, apontando para o corpo feminino; e a metáfora do cacho de uvas, apontando para os seios femininos.

7.8

**Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos.** O faminto homem, contemplando aqueles belos frutos, perdeu o autocontrole e logo estava subindo na palmeira, para obter os seus frutos. Provavelmente, o autor tinha passado por essa experiência muitas vezes. Agora isso o fazia lembrar dos prazeres sexuais, e ele teve um desejo avassalador de acariciar os seios de sua amada, pois eram como frutas especiais e sensuais. Os seios dela seriam como frutos gostosos em sua boca, tal como são as tâmaras, e ele os provaria e satisfaria seus anseios amorosos. Estando ele "ali" para essa festa, também provaria os lábios da jovem e, ao fazê-lo, descobriu que os lábios dela eram como maçãs de doce aroma e como vinho fino de beber (vs. 9). Que os envergonhados se mantenham afastados do livro de Cantares!

A dupla metáfora do vs. 7 (tamareira e uvas da vinha) continua aqui. Talvez o autor tenha comparado as uvas às tâmaras, reduzindo as duas frutas a uma só metáfora. Encontramos aqui certa confusão de metáforas, mas o significado é perfeitamente claro!

7.9

**Os teus beijos são como o bom vinho.** O autor já havia comparado o amor em geral ao *vinho,* e agora aplica isso especificamente aos beijos. Ver Can. 1.2,4; 4.10. Esse vinho é como o melhor dos vinhos que desce pela garganta tão suavemente, que satisfaz os lábios, a boca e a garganta com gosto apurado e com agradáveis sensações. Mas os beijos de uma mulher são melhores do que isso.

**Escoa.** Esta é uma interpretação do original hebraico, o qual, literalmente, diz: "suavemente" ou "agradavelmente". A última linha do versículo, porém, é difícil de interpretar. Literalmente, diz o texto massorético: "causando os lábios daqueles que estão dormindo a falar". Isso forma um sentido difícil, pelo que há uma emenda que faz o trecho dizer: "meus lábios e dentes" (Septuaginta e versão siríaca), ou "seus lábios e dentes" (Vulgata Latina). O sentido parece ser: *deleitando* os lábios e os dentes, ou qualquer coisa semelhante; ou apenas "fluindo pelos lábios e dentes" (NCV). O texto massorético poderia significar, entretanto: "falas de doce amor", visto que a fala de amor, em meio ao ato sexual, pode ser algo agradável. Além disso, há todos aqueles suspiros que acompanham o ato, e isso poderia estar em vista, pois se trata de uma espécie de linguagem. Nesse caso, a palavra "dormindo", que aparece em algumas traduções, embora não em nossa versão portuguesa, faria referência aos amantes, que estavam na cama, como se dormissem. O leito é o lugar do sono e do sexo, e as duas coisas são combinadas aqui, como se fossem sinônimos.

> *Como lábios murmurando no sono deles.*
> *Foram doces beijos que os ninaram ali.*
>
> *(Shelley)*

*Outro Sentido Possível.* Assim como o vinho solta a língua daqueles que o bebem, também o amor solta os lábios dos sonolentos, pelo que eles expressam verbalmente os seus prazeres. Mas, na realidade, ninguém sabe ao certo o que significa a última linha do vs. 9.

**A Mulher Fala ao Homem** (7.10-13)

**7.10**

**Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim.** Este versículo é um refrão que celebra a *possessão mútua* no ato de amor. Trata-se de um refrão similar aos de Can. 2.16 e 6.3. A mulher declarou que pertencia a seu amante, que ele veio possuí-la e que ela será sempre dele. E então, em vez de dar o lado reverso da moeda — "meu amante é meu" — (tal como nas duas outras referências), ela simplesmente reforçou a primeira linha e observou que o desejo do homem estava fixado nela. Isso afirma mais enfaticamente a realidade da possessão. Esse refrão põe fim ao parágrafo anterior e introduz o parágrafo seguinte. Cf. Gên. 3.16, onde o desejo da mulher se volve para o homem. Isso faz parte da maldição a que a mulher ficou sujeita, maldição que aqui, conforme dizem alguns eruditos, foi revertida, pelo menos nesse ponto. O mais provável, entretanto, é que não haja conexão entre o presente versículo e o livro de Gênesis. A NCV exagerou ao traduzir essa frase por: "o desejo dele é *apenas* por mim", pois sabemos que na vida de Salomão houve outras mulheres (Can. 6.8). Mas ser o *objeto principal* dos desejos do homem, em competição com todas aquelas outras mulheres, já era uma grande realização.

**7.11**

**Vem, ó meu amado, saiamos ao campo.** "Na unidade anterior (vss. 1-10), o marido tomou a iniciativa no ato de amor. Mas nesta unidade (vss. 11-13) é a mulher quem toma a iniciativa. Essa é a primeira vez, no livro de Cantares, em que a mulher amada fez um pedido direto e sem ambigüidade em favor do prazer sexual. Previamente, ele tinha expressado seu desejo na terceira pessoa do singular (como exemplos, ver Can. 1.2a e 2.6). Agora, mais segura no amor de seu marido, ela se sentia livre para tomar a iniciativa. Por isso, pediu-lhe que saíssem ao campo, onde poderiam passar a noite juntos" (Jack S. Deere, *in loc.*). Talvez o leitor pense que minha interpretação esteja enfatizando demasiadamente a questão do sexo. Ver o vs. 12, que definidamente faz esse convite ser um avanço sexual. No livro de Cantares, é impossível exagerar a importância do sexo. Naturalmente, fica entendido, do começo ao fim, que o sexo é uma *expressão de amor*. Não obstante, o que está aqui em foco é o amor sensual, e não apenas a apreciação da companhia mútua.

**As noites nas aldeias.** O original hebraico pode significar aqui "aldeias" ou "flores de hena". A mesma palavra, em Can. 1.14 e 4.13, significa *hena,* e isso parece ter mais peso aqui também. Se estão em pauta as *flores*, é provável que devemos compreender que eles acampariam nos campos ou talvez permanecessem no meio da natureza. Ou poderiam encontrar um dormitório (talvez em uma estalagem) em alguma aldeia próxima. Seja como for, estariam sozinhos, o que contribuiria para o romance.

**7.12**

**Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas.** Buscando um lugar para ficarem sozinhos, os dois partiriam cedo pela manhã e visitariam suas vinhas, certificando-se de que tudo corria bem. Em seguida, iriam ao pomar e veriam o progresso das árvores frutíferas, mas somente a romã é mencionada por nome. A estação do ano era a primavera, o que fica demonstrado porque as plantas estavam deitando botões. A primavera representava admiravelmente bem o amor jovem dos dois, ainda em seus começos e florescendo. Em alguma parte no meio dos jardins e dos pomares, o casal encontraria um lugar apropriado para o seu ato de amor. Seria ali que a jovem poderia, uma vez mais, dar a seu amante os frutos do jardim. *Ela* era o jardim e a fonte de águas (Can. 4.12-15); o pomar (6.11); a vinha (7.2); o trigo doador de vida (7.2); a tamareira (7.7); e o cacho de uvas (7.7).

**7.13**

**As mandrágoras exalam o seu perfume.** Os sinais da primavera eram as vinhas que começavam a dar uvas, as romãs que floresciam e as fragrantes mandrágoras. Essas últimas frutas eram do tamanho de uma maçã e procuradas por suas qualidades afrodisíacas (ver Gên. 30.14-16). Às portas deles, pois, havia as melhores espécies de frutas, novas e antigas, e todas tinham sido colhidas para benefício dos amantes. E agora essas frutas se tornaram símbolos de prazeres sensuais que a jovem entregaria a seu amante, porquanto ela era o *jardim* dele (ver as notas sobre o vs. 12). Assim como os frutos literais achavam-se em sua propriedade, fechados pelas paredes e pelas cercas, também a donzela abriria suas portas e permitiria que o homem adentrasse seu jardim. Pode haver aqui uma alusão à decoração das *portas* da cabana dos amantes, com todas as suas variedades de plantas, flores e frutos, que embelezavam o lugar de seu amor, o que era um antigo costume. Isso significa que as portas mencionadas se referem especificamente às portas da cabana onde o casal se entregaria a seus prazeres sensuais. Além disso, a própria dama era a cabana do homem, e a ele abriria as *suas portas,* onde ele encontraria os armazéns de frutos, guardados para seu deleite.

# Capítulo Oito

Não há interrupção entre os capítulos 7 e 8. Esta seção tem início em Can. 6.10, onde dou notas de introdução. E a nova seção começa em Can. 8.5.

*Nos vss. 1-4,* "a querida jovem revelou crescente desejo de desfrutar de intimidade com seu amante-marido e se regozijou ante a multifacetada natureza do relacionamento entre os dois" (Jack S. Deere, *in loc.*).

**A Mulher Fala** (8.1-4)

**8.1**

**Oxalá fosses como meu irmão.** O original hebraico diz aqui, literalmente: "Quem te dará a mim como meu irmão?". Os costumes no antigo Oriente Próximo evitavam toda a demonstração pública de afeto, até mesmo entre marido e mulher, em parte porque isso poderia ser confundido com o jogo da sedução, e em parte porque era considerado uma conduta imprópria. As intimidades eram reservadas para o recesso do lar. Os anglo-saxões demonstram idêntica atitude para com atos íntimos, e a intimidade de qualquer sorte com uma mulher, em público, é considerada uma *fraqueza* que os homens fazem bem em evitar. Mas no Oriente Próximo, era permitida certa intimidade entre irmão e irmã, que não passaria como suspeita de conduta imoral, mesmo pelos mais pudicos. Foi por essa razão que a donzela exprimiu aqui o desejo de que seu marido fosse seu irmão, o que teria permitido grande de afetos entre os dois. A bela jovem não se sentia satisfeita com os limites impostos às demonstrações de afeto aos quais estava presa pelos costumes da sociedade. Ela não ousava *beijar* o marido em público, pois alguém poderia estar observando e criticaria a conduta imprópria dos dois. Adam Clarke, *in loc.*, supôs que somente um *irmãozinho* poderia ser beijado em público, pois os circunstantes poderiam suspeitar de incesto.

**8.2**

**Levar-te-ia e te introduziria na casa de minha mãe.** Aqui a jovem assume o papel de *irmã mais velha*. Ela levaria seu irmão, ainda *criança*, à casa da mãe de ambos e ali supriria todas as necessidades dele. Ela agiria como uma mãe para o menino. O termo hebraico aqui traduzido por *levar-te-ia* é *nahag,* usualmente empregado para indicar um superior que guia um inferior. Em Can. 5.1,16, temos os amantes apresentados como amigos. Está em vista o ideal que eles deveriam compartilhar em um relacionamento multifacetado, para tornar esse relacionamento mais amplo e satisfatório. Mas o compartilhar do vinho e do suco da romã por certo era uma figura simbólica sexual, na privacidade do lar, ao mesmo tempo que eles continuavam sendo irmão e irmã, amigos um do outro, conduzindo-se os dois em atos íntimos. Isso é demonstrado como a correta interpretação do vs. 3, em que o casal já se acha no amplexo íntimo. Quanto ao significado deste versículo, cf. Can. 1.2; 5.1 e 7.9. As figuras de alimentos e bebidas são sempre carregadas de sentido sexual no livro de Cantares. Os antigos hebreus preparavam refrescos com várias frutas, e é apenas natural que esses refrescos se tivessem tornado símbolos do amor sensual.

**8.3**

**A sua mão esquerda estaria debaixo da minha cabeça.** Este versículo duplica o trecho de Can. 2.6, onde são dadas notas expositivas. O casal, uma vez oculto dos olhares públicos, ocupar-se-ia logo em atos de intimidade, o *abraço* de intimidade sendo aqui usado como eufemismo para o ato sexual.

**8.4**

Este versículo é uma duplicação de Can. 2.7, onde são dadas notas textuais, excetuando o fato de que aqui o juramento feito pelas *gazelas e corças do campo* é deixado de lado. No capítulo 2, sentimentos de amor não deveriam ser despertados, pois ainda era muito cedo para isso. O casal ainda não havia contraído matrimônio. Mas aqui são entregues as rédeas da paixão, e em seguida vemos o homem a dormir, não devendo ser perturbado. O homem tivera uma longa noite de amor; que agora descansasse! Mas alguns estudiosos pensam que o *amor,* no caso presente, é o amor da mulher, e não de seu amante. Nesse caso, a ordem dos acontecimentos é muito parecida com a de Can. 2.7. A Septuaginta, a versão árabe e alguns manuscritos em hebraico adicionam aqui a menção às gazelas e cervas, mas isso faz harmonia com o versículo paralelo, pois o texto mais breve

quase sempre é o correto. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* O segundo desses dois artigos oferece diretrizes sobre como os textos corretos devem ser escolhidos quando aparecem variantes.

**Conclusão que Aborda a Permanência do Verdadeiro Amor** (8.5-14)

O autor sacro oferece agora algumas idéias sobre a natureza e o poder do amor, que lhe emprestam certo "poder de permanência". O vs. 4 apresenta um quadro enigmático do amor, mas segue-se uma explicação a respeito nos vss. 5-6.

**As Atendentes da Jovem Falam** (8.5a)

**8.5a**

**Quem é esta que sobe do deserto, e vem encostada ao seu amado?** As companheiras da donzela vêem um casal chegando do deserto. A jovem se amparava no homem, num gesto de amor e dependência. O deserto era um símbolo de:

1. Perambulações. Basta que lembremos as provações pelas quais Israel passou ali.
2. Também era símbolo da maldição de Deus, que não permitia que a vegetação transmissora de vida ali crescesse. Ver Jer. 22.6 e Joel 2.2.
3. E também era símbolo da maldição de desarmonia que Deus proferiu sobre Adão e Eva, que tendiam à alienação, e não à harmonia. Ver Gên. 3.16b.

Mas vemos agora um quadro diferente. Esse casal, o homem ideal e sua esposa ideal, tinham vencido a "experiência do deserto", onde haviam sofrido algumas provações e uma alienação potencial (ver Can. 1.5,6; 2.15; 5.2-7). Vindos ambos do deserto, os encontramos em amorosa comunhão.

**A Mulher Fala** (8.5b)

**8.5b**

**Debaixo da macieira te despertei.** A macieira é símbolo do amor. A mãe do homem deu-o à luz à sombra dessa árvore. E foi exatamente ali, desde o princípio, que a mulher esteve presente, reivindicando o recém-nascido como seu, porque ele estava destinado a tornar-se marido dela. A mãe do homem o teve em meio às *dores de parto* usuais, mas a esposa o tomaria para efeito de *prazer e alegria.* A figura simbólica é aqui vívida e incomum. O infante, que tinha acabado de nascer, foi *despertado* para o amor, desde o momento de seu nascimento. Ele tinha um destino a cumprir que, inexoravelmente, incluía a mulher que se tornaria o amor da sua vida. Assim, a macieira do casamento tornou-se, igualmente, a macieira dos desposórios. Cf. Can. 2.3, onde a maioria das traduções também fala em *maçã.* Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Maçã,* quanto a uma tentativa de identificar a fruta em questão.

**8.6**

**Põe-me como selo sobre o teu coração.** Os vss. 6-7 dão um significado específico ao vs. 5. Se o leitor porventura não compreender a declaração bastante enigmática do vs. 5, a donzela o ajudará a fazer uma idéia melhor do que ela procurava dizer. A mulher queria que o amor dela e de seu marido fosse permanente. Ela queria ser como um selo no coração dele, e um selo em seu braço. "Nos tempos antigos, quando poucos sabiam escrever, a pessoa trazia um *selo* pendurado ao pescoço, pendente sobre o coração (ver Gên. 38.18,25), ou então na mão direita (Jer. 22.24). Com esse selo, a pessoa produzia a sua assinatura" (O. S. Rankin, *in loc.*). Um selo era usado para indicar a possessão de coisas valiosas. Aquilo que tinha um selo de uma pessoa, era dela.

*Que Tua bondade, como uma algema,*
*Prenda meu coração vagabundo a Ti.*
*Pronto a desviar-se, Senhor, assim sinto,*
*Disposto a deixar o Deus a quem amo.*
*Eis meu coração, toma-o e sela-o!*
*Sela-o para Tua corte lá no alto!*

(Robert Robinson)

*A Força do Amor.* O amor é tão forte quanto a morte, que tem o poder de varrer a todos deste mundo, diante da qual nenhum ser humano pode resistir. Por conseguinte, o poder do amor também é irresistível. A morte é um ponto final que põe fim às perambulações e às mudanças. Assim também o amor, quando autêntico, é um ponto final, que prende para sempre. "O amor é tão universal e irresistível quanto a morte, e é tão *exclusivo e possessivo* (no sentido de estar genuinamente preocupado com o ser amado) quanto o *sepulcro* (*sheol*), tão *apaixonado* (como o fogo requeimante) e tão *invencível e perseverante* como os dilúvios de muitas águas e rios" (Jack S. Deere, *in loc.*).

Aqui o *sheol* é paralelo à morte, como sinônimo dela. A doutrina do *sheol* passou por uma longa evolução. Ver Pro. 5.5, onde traço isso livremente. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Sheol* e, especialmente, aquele denominado *Hades.*

O amor possessivo é chamado aqui de *ciúme,* e o amor, sob essa forma, é tão *cruel* quanto o sepulcro. Algumas traduções dão *forte paixão,* em vez de ciúme. Esse amor tipo ciúme é como um *fogo todo consumidor.* Diz o hebraico original, literalmente, "vermelho de fogo" e "chama veemente" ou, mais literalmente ainda, "uma chama de Yahweh". Há fogo divino nesse tipo de amor; é como as chamas do céu que desceram à terra. Por que esse tipo de amor foi chamado de *cruel,* permanece um mistério, a menos que isso signifique "cruel para os competidores", que gostariam de destruí-lo. Talvez não haja aqui nenhuma idéia de uma *dor infligida.* Nesse caso, a palavra "cruel" foi usada como um intensificador. Virgílio também chamou o amor de cruel (*Bucolic. Eclog.* 10, vs. 29). A NIV prefere traduzir essa palavra como "que não cede".

*Inexorável como o sheol é a ardente paixão.*

(Ellicott)

*O amor é indestrutível.*
*Suas chamas santas crepitam para sempre;*
*Do céu ele veio; ao céu retornará.*

(Southey)

**8.7**

**As muitas águas não poderiam apagar o amor.** O amor é tão implacável quanto as águas de uma inundação, quanto um poderoso rio cujas águas são alimentadas por neves que se estão dissolvendo. A água inundante é uma grande força diante da qual coisa alguma pode resistir. Aqueles que foram unidos pelo amor jamais podem separar-se. Nenhuma força na terra é capaz de afastá-los, e nenhuma força no céu haveria de querer fazê-lo. *O amor tem um valor inestimável.* Se alguém tentasse comprar o amor, oferecendo um grande preço, outros se ririam dele, zombando. Não há oferta que ele faça que não possa ser rejeitada. O amor tem de ser genuíno como um tesouro oculto no coração. As riquezas materiais não podem ser comparadas ao amor, nem podem substituí-lo. O amor é dotado de um valor inestimável, quando é autêntico e, como algo dotado de beleza ímpar, nunca pode perecer.

*Muita água não pode apagar as chamas do amor.*
*Dilúvios não podem afogá-lo.*

(NCV)

*O Amor é Indestrutível.* O amor pode resistir a qualquer *tipo* de ataque. "Nem as adversidades comuns nem as incomuns, mesmo as de natureza mais arruinadora, podem destruir o amor, quando este é verdadeiro e puro" (Adam Clarke, *in loc.*). Embora não possamos comprar o amor, o amor pode ser conquistado. É conquistado quando é livremente dado. Em última análise, o amor vem de Deus, e Ele inspira e cultiva o amor em um homem (ver Gál. 5.22). O vs. 5 insufla o *destino* na questão do amor. A jovem reivindicou o homem de sua vida quando ele nasceu. Aqueles que acreditam na reencarnação fazem o amor tornar-se parte do entretecido da doutrina. A reencarnação é vista como algo que ignora as barreira da vida e da morte, com a *reentrada* em várias vidas que são apenas outros tantos capítulos que compõem a história de uma vida. Se isso é verdade, então quão acurada é a declaração que diz que o amor não admite adversário, incluindo a morte. O amor é aquele elo que nos reúne em torno do mistério da vida. A *vida era, é e será,* e o amor é o *companheiro* constante da vida. Onde estiver a vida, ali você encontrará o verdadeiro amor. O amor *não obedece ao tempo* nem admite barreiras ou obstáculos.

*O amor não se altera com as horas breves e as semanas,*
*Mas suporta tudo até a beira da condenação.*
*Se isso é um erro, e for provado que estou errado,*
*Então nunca mais escreverei, e nem um homem foi*
*jamais amado.*

(Shakespeare)

Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Amor,* quanto a comentários e poemas ilustrativos. O amor suporta tudo até a beira da condenação, e na própria *condenação.*

**Epílogo: Como o Amor Começou** (8.8-14)

Em um breve *retrospecto:* a mulher amada foi protegida por seus irmãos quando era jovem; o primeiro encontro com seu futuro marido; o livro de Cantares conclui afirmando que o primeiro amor continuava tão ardente como no princípio. O primeiro amor era o amor constante.

*Vários oradores* estão envolvidos nestes versículos, que serão identificados conforme formos avançando.

**Falam os Irmãos da Mulher** (8.8-9)

**8.8**

**Temos uma irmãzinha, que ainda não tem seios.** A bela donzela fora antes uma menina. Então não tinha seios; e, se tivesse continuado assim, nenhum homem haveria de querê-la. Seus irmãos não tinham poder para mudar a situação, mas, por meio da natureza, eles (alegadamente) cuidariam da situação (vs. 9). Alguns intérpretes negam (no vs. 9) a alusão à menina sem seios, então uma garota pequena e imatura; mas essa interpretação contraria a clara afirmação do original hebraico no vs. 8.

**8.9**

**Se ela for um muro, edificaremos sobre ele uma torre de prata.** Os irmãos da menina mostrar-se-iam zelosos por conseguir um bom casamento para a pequena irmã, e começariam esses esforços quando ela ainda fosse jovem. Mas se ela permanecesse como um muro sem o embelezamento das torres (ou seja, sem seios; vs. 10), então a tarefa deles ficaria tremendamente complicada. As torres de que os irmãos falavam eram seios, e não medidas de proteção que os irmãos da jovem tomariam para garantir a segurança da donzela. Poeticamente, eles se referiam ao trabalho da natureza para desenvolver os seios da menina, como se os seios fossem deles mesmos. Os seios potenciais (no vs. 9) são referidos como uma *torre de prata.* Uma vez mais encontramos a fixação sobre os seios como um importante item no livro de Cantares. Cf. Can. 1.13; 4.5; 7.3,7,8. Mas aqui essa palavra aponta para todos os esforços que seus irmãos fariam para vê-la bem casada, finalmente. Mas a natureza teria de fazer seu trabalho para que correspondesse aos esforços deles em favor da jovem.

**Porta.** Além de ser como um muro chato, a jovem menina também era como uma porta. Seus irmãos a protegeriam por trás de portas de cedro fechadas, ou seja, por meio de cuidados zelosos. O cedro apontava para algo valioso e altamente desejável. Essa metáfora é um tanto desajeitada, pois a porta seria fechada (barricada?) com tábuas de cedro. Talvez a figura imagine que a porta preciosa seria protegida por tábuas adicionais de defesa, mas é difícil imaginar exatamente o que isso significaria, embora o significado geral seja claro. Ou então, mais provavelmente ainda, a *porta chata* seja o equivalente ao *muro chato,* e sobre essa porta seriam acrescentados relevos decorativos, ou trabalhos decorativos em madeira. Nesse caso, há outra referência aos seios, mas agora mediante outra metáfora. Os relevos decorativos são os seios, que dão à mulher a sua beleza, bem como a habilidade de atrair um marido. A interpretação que diz que o marido dela seria a sua torre (proteção), e também sua barricada, está definidamente fora de lugar aqui.

**A Mulher Fala** (8.10-12)

**8.10**

**Eu sou um muro, e os meus seios como as suas torres.** Este versículo mostra-nos que as *torres de prata* (vs. 8) eram os seios potenciais da menina, dos quais ela precisaria para atrair um marido. Agora, tendo chegado à maturidade, a jovem estava equipada com essas decorações necessárias. Com esse equipamento (e, naturalmente, suas outras qualidades), a mulher se mostrara bem-sucedida em atrair seu querido, o rei Salomão, o que significa que ela havia logrado tremendo êxito. Parte desse sucesso se devia à sua fertilidade. Ela era uma mulher plenamente equipada. Seria esposa e mãe excelente. A natureza tinha realizado um bom trabalho, cumprindo assim as esperanças de seus irmãos.

**8.11**

**Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom.** Salomão tinha diversas vinhas, mas sua vinha toda especial estava em *Baal-Hamom* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele instalou alguns guardas nessa vinha, mediante algum tipo de acordo de participação nos lucros. Quanto à parte que lhe cabia, Salomão deveria receber mil peças de prata, no valor de cerca de 11.350 gramas de prata. Não era uma grande quantia em dinheiro, mas *cada* guarda tinha de trazer esse tanto de lucro. Não estamos informados sobre quanto os trabalhadores obteriam, pois isso nada tem que ver com a aplicação dada no vs. 12. Também não nos é dito qual seria o lucro total de Salomão, mas a idéia inteira do versículo é que o lucro seria considerável. Um cultivo cuidadoso e amoroso da vinha por certo produziria uma boa safra de uvas. Quanto aos *mil siclos* como símbolo de riqueza, ver Isa. 7.23. Examinando o vs. 12, parece-nos que os trabalhadores receberiam, cada um deles, 200 siclos pelo trabalho. Isso representa bem pouca recompensa, considerando-se que lhes cabia fazer todo o trabalho, enquanto o proprietário nada fazia além de ocasionalmente supervisionar as coisas. Mas o trabalho de um agricultor nunca foi, como acontece até hoje, muito compensador para o homem que toma conta das terras de outrem.

**8.12**

**A vinha que me pertence está ao meu dispor.** Consideremos os quatro pontos seguintes:

1. O vs. 11 é apenas uma ilustração do que a jovem queria dizer no vs. 12. Encontramos ali outro jardim com outra vinha, muito mais valiosa do que a do versículo anterior. Mas esse segundo jardim é metafórico, pois aponta para a própria jovem sulamita. Cf. a figura com Can. 4.12 ss. Ver também os trechos de Can. 6.11 e 7.7-9, onde a metáfora é expandida. Se essa jardim ou vinha era da jovem, ela era possuidora de si mesma (ver Can. 1.6), no entanto se entregara a seu marido.
2. Ellicott (*in loc.*) vê outro sentido neste versículo: "Deixemos que Salomão conserve e desfrute de suas possessões (seu harém de belezas mercenárias; Can. 6.8), que tanto custavam para obter e manter. Sinto-me mais feliz no amor seguro de minha verdadeira esposa". Mas isso faria o orador ser alguma outra pessoa, contemplando a situação de poligamia de Salomão e preferindo a sua própria monogamia com uma só e verdadeira esposa.
3. Podemos obter ainda outro sentido deste versículo mudando as palavras de Ellicott, "uma só e verdadeira esposa" para "eu, como sua única verdadeira esposa". Nesse caso, a bela jovem comparou-se ao harém do homem e via maior valor em si mesma do que em "todas aquelas outras mulheres". A menção aos *guardas* da vinha correria bem com a segunda interpretação, referindo-se a toda a ajuda que se fazia mister para manter o harém em boa ordem. Se essa *guarda* fazia parte da interpretação de número um, então poderíamos pensar em tudo quanto custava para *manter a jovem,* o que não seria muito em comparação com o lucro que Salomão receberia em tê-la como esposa. Ou então a questão dos guardas é um incidente, dando-nos apenas a informação de que o agricultor receberia cerca de 20% dos lucros, o que, conforme sabemos por referências históricas, era a porcentagem comumente dada a tais trabalhadores rurais. Essa era, igualmente, a taxa de lucros usual no antigo Oriente Próximo. Considerando todos os fatores, fico com a primeira interpretação.
4. Há ainda outra interpretação, semelhante à de número dois. Salomão, do começo ao fim, fora retratado como o marido da bela jovem. Mas agora o *marido verdadeiro,* e não Salomão, pára para contemplar sua bendita situação, criada por haver-se casado com a esplêndida donzela. Assim sendo, ele disse: "Guarda tudo quanto tens, ó rico Salomão. Conserva teu harém de grandes belezas. Eu ficarei com minha bela donzela, que é melhor do que qualquer coisa que tens".

**O Homem Fala com a Mulher** (8.13)

**8.13**

**Ó tu, que habitas nos jardins.** Este versículo é difícil de ser interpretado, e as várias traduções existentes não têm contribuído muito para esclarecê-lo.

1. Este versículo poderia ser uma memória do homem, quanto àqueles tempos em que outros poderiam tornar-se os recebedores potenciais do amor da mulher. Os "companheiros" dele anelavam por ouvir a voz da jovem, na esperança de que ela os favorecesse. Porém, disse o homem que finalmente tornou-se o marido da sulamita: "Deixa-*me* ouvir a tua voz", e não aqueles outros homens que também estavam presente.
2. Ou então o significado seria simplesmente: "Enquanto meus companheiros estão ouvindo, deixa-me ouvir a tua voz". Nesse caso, não haveria nenhuma idéia de competição. O homem, que agora era o marido da bela donzela, não havia perdido o ardente desejo de ouvir a voz da mulher; e, por isso, convidou-a a dirigir-lhe a palavra e, quando ela falava, sempre falava de amor. *Era isso* o que ele queria continuar ouvindo. Seu desejo por ela não havia perdido a intensidade.

**A Bela Mulher Profere as Palavras Finais** (8.14)

**8.14**

**Vem depressa, amado meu.** A mulher responde ao convite do homem e diz-lhe: "Vem depressa", para que ele se precipitasse para o lado dela, a fim de

estarem juntos e compartilharem de outra inevitável sessão de amor. Ele deveria mostrar-se como os rápidos animais que há no campo, como o gamo ou a gazela, e vir correndo, saltando por cima das colinas e dos vales, e terminando a correria na casa dela. Já vimos essas figuras simbólicas em Can. 2.9,17:

**Os montes aromáticos.** Provavelmente esta é outra figura para os seios dela, tendo nós já visto vários exemplos desse simbolismo. A fixação nos seios perseguiu o casal até o fim, e continua a perseguir homens e mulheres pelo mundo inteiro. Cf. Can. 1.13; 4.5; 7.3,7,8; 8.9,10. As mulheres, na antiguidade, costumavam perfumar seus seios para tornar essa área mais atraente, como se isso fosse necessário! Cf. Can. 4.6, o "monte de mirra".

> *Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.*
>
> (Gênesis 2.24)

"Assim sendo, o poema termina com dois breves versículos que comprimem em si mesmos tudo quanto já tinha sido dito, por muitas vezes, mediante diferentes símbolos: o namoro e o casamento de duas almas felizes" (Ellicott, *in loc.*).

*Resistindo à Tentação de Alegorizar o Livro de Cantares.* Por todo este comentário, excluindo alguma ocasional exceção, tenho resistido à tentação de alegorizar o livro de Cantares, e isso pelas seguintes razões:

1. No próprio livro de Cantares não há sequer uma indicação de que ele oculte ensinos misteriosos e místicos.
2. Não possuímos autoridade para pensar dessa maneira, exceto a imaginação das mentes humanas.
3. Aqueles que alegorizam o livro de Cantares podem fazer o livro dizer quase qualquer coisa que queiram, promovendo seus credos ou desejos.
4. Aqueles que alegorizam o livro de Cantares geralmente obscurecem o significado real, interpretando erroneamente seus símbolos abertamente eróticos.
5. O livro de Cantares é uma das mais belas peças poéticas jamais escritas e não deveria ser obscurecido em um manual de símbolos místicos.
6. Trata-se de um poema de amor erótico e sensual e nem ao menos impõe as restrições da moderação em um selvagem amor de casal casado. Talvez atue como uma espécie de *endosso* desse tipo de amor, embora isso não aponte, necessariamente, para o endosso divino. Cada indivíduo deverá determinar, para si mesmo, até quais elaborações podem atingir o amor sensual. Que a sua consciência seja o seu manual, e não este poema.
7. Que poesia seja poesia, e que teologia seja teologia. Há abundância de outras fontes onde os crentes do cristianismo podem buscar instrução e inspiração.

> *Todos nós nascemos para amar. Esse é o princípio da existência, e sua única finalidade.*
>
> (Benjamim Disraeli)